

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS



(FLCS)

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**Transformações e Influências do Celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, Cidade de Maputo.**

Trabalho apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM)

**Candidato:** Hélio Bento Maúngue.

**Supervisor:** Dr. Obede Suarte Baloi

**MAPUTO, FEVEREIRO DE 2009**

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.



Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**(FLCS)**

**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais:  
Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso  
do celular no quotidiano e nas relações entre casais, Cidade de  
Maputo.**

Trabalho apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

**Candidato:** Hélio Bento Maúngue

**Supervisor:** Dr. Obede Suarte Baloi

**MAPUTO, FEVEREIRO DE 2009**

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, Cidade de Maputo.

Trabalho apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Autor: Hélio Bento Maúngue

---

Supervisor: Dr. Obede Suarte Baloi

---

Oponente: Helena Cologne

---

### **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Eu, Hélio Bento Maúngue, declaro que este Trabalho nunca foi apresentado na sua essência, para realização de um estudo para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado do meu esforço e inspiração individual, estando indicado no texto e na referência bibliográfica as fontes que utilizei.

Maputo, Fevereiro de 2009

O candidato

---

(Hélio Bento Maúngue)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus falecidos pais, Bento Madala Maúngue e Mariamo Ezequiel Simango e a minha falecida irmã Eugenia Bento Maúngue e aos demais familiares que partiram para junto de Deus sem poderem desfrutar desta alegria comigo.

Que Deus vos tenham onde estão e saibam que estarão sempre no meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos Gito, Santinho, Elias, Bentinho, Olávio e Olávia, as minhas cunhadas e sobrinhos (em especial ao Badjito) e aos demais familiares directos e indirectos, pela crença e confiança que têm depositado em mim.

À minha madrinha, Ivone da Conceição pelo carinho e amor que sempre me ofereceu.

Ao SINPEOC e ao todo seu pessoal, em particular ao tio Damí.

Ao corpo docente e colegas do curso de Bacharelato em Ciências Sociais, em especial da orientação em Sociologia, respectivamente pelos ensinamentos e batalhas académicas.

Ao departamento de Sociologia, ao corpo docente e colegas (em particular ao Guto, Milena, Vadinho e Gido pelo companheirismo dentro e fora da academia) do curso de Licenciatura em Sociologia, respectivamente pela atenção, ensinamentos e batalhas académicas. À Tissa e outros pelo apoio moral em todas as épocas ligadas ao TFC.

Ao meu supervisor, Dr. Obede Suarte Baloi, por aceitar orientar-me nesta aventura académica especificamente pela sua dedicação e colaboração no decurso da pesquisa, e apresentação de observações importantes em seus comentários. Obrigado pela atenção.

E por último, não menos importante a minha namorada Célia (e família) pela crença que tem depositado em mim, paciência e dedicação nos tempos em que pelos compromissos académicos não podemos estar juntos.

À todos vocês e aos outros que directa ou indirectamente influenciaram o meu percurso académico MEU MUITO OBRIGADO.

## RESUMO

Este trabalho analisa as percepções e práticas sociais que um grupo de vendedores do mercado Janeth tem em torno do uso do celular no seu quotidiano. Onde se constatou, que este artefacto estrutura o mundo de vida dos mesmos na medida em que afecta a organização subjectiva destes, isto é, sua relação consigo mesmo, bem como a relação deles com os seus respectivos parceiros afectivos e amorosos, ou seja, entre casais.

Pretende-se com o estudo ir além do facto de que o celular ser um importante meio de comunicação e facilitador das relações sociais, porque um mesmo facto pode produzir várias transformações sobre a vida das pessoas. Neste sentido procuramos testar a hipótese segundo a qual, o celular é um meio que possibilita com que ocorram percepções e práticas sociais de “invasão de privacidade” e de “controlo social” nas relações entre casais.

Pretende-se também identificar como os indivíduos se relacionam com os seus celulares; Identificar como o celular possibilita a práticas e atitudes de controlo social entre os casais; Identificar como o celular possibilita que surjam percepções de desconfiança entre os casais. Identificar como o celular possibilita que ocorram situações de aborrecimentos entre casais.

No que respeita ao quadro teórico para leitura da realidade em análise, fizemos uso da Fenomenologia, nas abordagens Construtivista da Realidade de Berger e Luckmann num cruzamento com a Etnometodologia de Garfinkel. Quanto aos conceitos para ler a realidade usamos os conceitos percepção sociais, prática social, “invasão de privacidade” e controlo social.



Para realizar o estudo seleccionou-se uma amostra de 18 vendedores, escolhidos intencionalmente. Os dados foram colhidos na base de entrevistas semi-estruturadas em profundidade com um único respondente de cada vez e gravadas em áudio. Estas foram integralmente transcritas e sujeitas a uma análise de conteúdo. O estudo seguiu uma abordagem qualitativa.

Com o trabalho concluiu-se à um nível geral o celular ocupa um lugar importante na vida dos indivíduos, e que os mesmos o têm sempre por perto e se sentem mal quando o esquecem em casa, como se fosse um prolongamento de suas vidas. O que justifica o uso do celular é a possibilidade de comunicação à distancia em qualquer lugar e tempo sem ter que recorrer ao telefone fixo, para entrar em contacto com familiares e sendo negociantes, com fornecedores e clientes. Como negociantes que são, o celular influencia para o bom andamento da actividade.

Constatou-se também que á nível dos casais surgem práticas informais de controlo social entre os casais. Emergem também novas regras de convivência entre os indivíduos. E que o celular torna os relacionamentos entre os casais imprevisíveis, quando em entre eles não existe um retorno imediato de um tentativa de comunicação, provocando manifestações de desconfiança, incerteza e insegurança nos relacionamentos.

---

## INDÍCE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO – I. PROBLEMA DE PESQUISA</b>	
1.1. Justificativa.....	5
1.2. Revisão da Literatura.....	7
1.3. Situação-problema.....	14
1.4. Hipótese de Trabalho.....	16
1.5. Objectivos.....	16
1.5.1. Objectivo Geral.....	16
1.5.2. Objectivos Específicos .....	17
1.6. Metodologia.....	17
<b>CAPÍTULO – II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL</b>	
2.1.1. Enquadramento Teórico.....	25
2.1.2. Enquadramento Conceptual.....	30
2.1.2.1. Percepção Social.....	31
2.1.2.2 Prática Social.....	33
2.1.2.3. Invasão de Privacidade.....	35
2.1.2.3. Controlo Social.....	37
<b>CAPÍTULO – III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	
3.1. Resultados micro-sociológicos sobre o uso do celular.....	38
3.1.1. Os entrevistados têm o celular sempre por perto e ligado.....	39
3.1.2. Os entrevistados sentem-se mal quando esquecem o celular em casa.....	41
3.1.3. O celular influencia no bom andamento do negócio.....	42
3.1.4. O celular possibilita invasão de privacidade associada ao controlo social.....	44
3.1.5. O celular permite que surjam manifestações de desconfiança e possibilidade de provocar aborrecimentos entre os casais.....	49
3.2. Discussão dos Resultados .....	53
<b>CONCLUSÃO</b> .....	60
Referências Bibliográficas.....	64
Anexos .....	67

## INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo paradoxal, de constantes mutações produzidas pela globalização<sup>1</sup>, pela sociedade de consumo e pela sociedade de informação onde a imaginação humana tem inventado novos artefactos com a intenção de facilitar a vida em sociedade.

Tal invenção tem se reflectido na aceleração das mudanças sociais sem precedentes na historia da humanidade. Mudanças essas relacionadas com a frequente introdução de inovações em forma de produtos e serviços que alteram os modos de vida dos indivíduos, o funcionamento das instituições sociais, empresas e o desenvolvimento relativo dos países.

Entre os artefactos constam as novas tecnologias de informação e comunicação que ao penetrarem no mundo da vida dos indivíduos permitem fazer coisas que antes de sua invenção não eram possíveis, como por exemplo deslocamento, contacto e relacionamentos sociais à distância e virtuais, demonstrando que as formas de convivência estenderam-se sem precedentes no tempo e no espaço.

Das novas tecnologias de informação e comunicação que possibilitam esses acontecimentos constam o computador (incluindo a Internet e o e-mail) e o celular<sup>2</sup>.

Nos dias de hoje, deste que se tenha um desses artefactos e os respectivos serviços

---

<sup>1</sup> Segundo Anthony Giddens (1991) globalização é a compreensão do tempo e do espaço, onde os fenómenos que se manifestam em lugares muito distantes se fazem sentir em muitos outros lugares.

<sup>2</sup> Segundo o repórter científico americano James Gleick (1994), um telefone celular ou telemóvel é um aparelho de comunicação que permite a transmissão bidireccional de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica que se encontra dividida em células (de onde provêm a nomenclatura celular). Telefone celular, ou simplesmente celular (plural celulares). Estes aparelhos passaram a ser designados a seu tempo como “telemóvel” (plural telemóveis), uma simplificação de “telefone móvel”. No entanto, neste trabalho a designação celular ou “celulares” permanece como designação técnica.

pode-se contactar com outrem em diferentes partes do mundo, sem ter que recorrer as tradicionais formas de transmissão de dados como o telefone fixo, o fax, o telefax etc.

Como ciência do social, a Sociologia se destaca na busca da compreensão das mudanças que as novas tecnologias impõem aos indivíduos e tentar explicá-las. Neste sentido, o conhecimento sociológico através de conceitos, teorias e métodos pode se constituir num excelente instrumento de compreensão das situações com que se defrontam os indivíduos na vida quotidiana, quanto ao uso das novas tecnologias.

Portanto, cabe a Sociologia analisar as características da vida em sociedade procurando uma compreensão dos diversos fenómenos sociais que possam ocorrer, sejam estes directa ou indirectamente causados por transformações sociais, políticas tecnológicas, etc.

Esta ciência, preocupa-se com os impactos comuns sobre os traços de comportamento de um conjunto de indivíduos, seja na relação consigo mesmos e com os outros em seu redor.

No entanto, as reflexões sobre a realidade quotidiana têm vindo a ocupar um lugar no debate sócio – científico em Moçambique, e particularmente da Sociologia, nestes sentido o presente trabalho, visa discorrer sobre as transformações sociais nas condições de sociabilidade que o uso do celular traz na vida dos indivíduos com particular destaque nas relações entre casais<sup>3</sup>.

Queremos destacar que o celular ao penetrar na vida em sociedade gera transformações na vida dos indivíduos, mas sabe-se muito pouco ou explora-se muito pouco sobre os impactos sociais que este artefacto provoca em Moçambique, apesar da velocidade com que o mesmo se tem tornado presente no país.

---

<sup>3</sup> Entende-se no presente trabalho “relações entre casais”, aquelas que envolvem por meios afectivos e amorosos indivíduos com o estatuto de casados, que vivam maritalmente e que estejam a namorar.

Assim, apesar da presença do celular em Moçambique são poucas as pesquisas académicas sobre o uso do mesmo, principalmente na Sociologia, no que respeita aos impactos deste na vida das pessoas. Face a isto, propomo-nos trazer ao debate aspectos sociológicos que o uso do celular pode trazer e tê-lo como uma janela de análise do quotidiano.

Para tal o nosso esforço foi de, através de entrevistas com 18 vendedores do mercado Janeth, olhar para o mundo e procurar compreender e interpreta-lo através deles, tendo em conta as suas percepções e práticas para depois enquadrar num plano de escolhas e comportamentos humanos.

Procuramos apreender como os entrevistados constroem e interpretam a realidade que o uso do celular impõe, partindo do pressuposto que eles têm interpretações distintas da realidade, fruto de subjectividades também diferentes. Nesta situação, a realidade quotidiana que o celular oferece pode ter diferentes sentidos, isto é, no seu dia-a-dia os indivíduos podem perceber a realidade de formas diferentes e terem práticas também diferentes para estruturarem as suas vidas.

Ao analisarmos as percepções e práticas que os entrevistados têm do uso do celular, queremos entende-los como dotados de uma capacidade construtivista da realidade em que se envolvem. Assim, o nosso trabalho é uma abordagem enquadrada na perspectiva das teorias de construção que apontam para a actividade construtora do homem das suas maneiras de viver no quotidiano.

Nosso argumento central é que o uso do celular possibilita que ocorram percepções e práticas sociais de “invasão de privacidade” e controlo social entre os casais.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, da formulação do problema de pesquisa, compreende à justificativa, à revisão da literatura que se

resume numa breve discussão sociológica sobre os impactos sociais do desenvolvimento tecnológico e das novas tecnologias de informação e comunicação. Neste capítulo expomos ainda a situação-problema de investigação, a hipótese de trabalho, os objectivos do trabalho e a metodologia, isto é, os métodos e técnicas de pesquisa e como os dados foram analisados, os constrangimentos e as formas de os superar.

No segundo capítulo, apresentamos o enquadramento teórico e os conceitos com os quais pretendemos ler a realidade. Onde apontamos como quadros a Construção Social da Realidade e a Etnometodologia, perspectivas de análise de inspiração fenomenológica.

No terceiro capítulo, expomos os resultados micro – sociológicos que reflectem as transformações e influências no quotidiano dos entrevistados no que respeita ao uso do celular, para depois fazermos uma discussão dos mesmos. Para terminar temos as possíveis considerações finais, onde evidenciamos as conclusões principais do trabalho.

## CAPÍTULO – I. PROBLEMA DE PESQUISA

### 1.1. Justificativa

Estudos sobre as transformações nas relações sociais, que factores económicos, políticos, demográficos, tecnológicos, etc., impõem nas sociedades, ocupam lugar importante nas reflexões das ciências sociais.

Com a globalização das tecnologias de informação e comunicação, bem como o seu uso, a presença do celular na vida dos indivíduos pode constituir um aspecto característico e simbólico da modernidade<sup>4</sup> moçambicana.

O celular é um elemento presente no contexto social actual. Ele é fruto da industrialização e dos avanços tecnológicos e científicos, isto é, produto da imaginação humana podendo dar um novo sentido ao contexto social actual.

No entanto, os avanços tecnológicos podem causar mudanças tanto na rede de relações sociais, afectivas e emocionais dos indivíduos. Neste sentido, o celular traz a marca de poder transformar e influenciar os padrões de comportamento, convivência, interacção e organização interna dos diferentes seguimentos de uma cultura.

Neste sentido, torna-se interessante na “nossa” modernidade, estudar e compreender o que os indivíduos pensam sobre o celular e que práticas adoptam em relação ao mesmo no seu dia – a – dia. Pois, estes desenvolvem percepções e práticas em função dos

---

<sup>4</sup> Giddens (1991), sugere que a modernidade deve ser vista não como resultado de algum factor predominantemente único, mas como um conjunto de instituições que incluem o capitalismo, o industrialismo, etc. vinculando à modernidade a ideia de que a “história” pode ser identificada como uma apropriação progressiva dos fundamentos racionais do conhecimento. No entanto, indo pelo industrialismo é possível dizer que a modernidade em Moçambique se faz sentir, contudo há que referir que grande parte dos artefactos frutos do industrialismo, como o celular, não é produzida aqui, mas sim importada para uso. Assim, no nosso país a modernidade passa pela aceitação de valores ditos ocidentais.

recursos que lhes podem ocorrer no quotidiano, isto é, o celular pode ser um recurso para que os indivíduos desenvolvam novas percepções e praticas sociais.

O uso do celular pelos indivíduos sustenta-se pelo pretexto de facilitar a comunicação com os demais pertencentes as suas redes de relação, isto é, a comunicação é a justificação principal para o uso do celular.

Esta justificação serve para estruturar e dar sentido ao presente estudo na medida em que se justificam visões do mundo e acções nele, sem poder de reflexão porque tomadas como óbvias e evidentes. Visões e acções estas, que tomam os factos adquiridos e dotados de sentido como se não precisassem de ser interpretados, mas suscitam em nós indagações.

Todavia, apesar de o celular se encontrar presente no quotidiano dos indivíduos constata-se um relativo vazio de estudos académicos sobre o mesmo nas Ciências Sociais em geral e na Sociologia em Moçambique, em particular.

Assim, o celular é um objecto pouco pensado em termos de produção sociológica em Moçambique, daí propomo-nos mergulhar em um terreno social pouco explorado e reflectir sobre novas as realidades quotidianas que o uso do mesmo permite.

Neste sentido, o celular, pode se tornar um objecto relevante de análise sociológica no que concerne ao impacto que o mesmo tem na vida quotidiana dos indivíduos e assim compreender através dele a época actual, isto é, a maneira que os indivíduos tem de pensar, sentir e agir no tempo e espaço actual e as suas representações específicas do uso do celular.

Sendo que na Sociologia nada é um problema intelectual e científico, sem ser antes um problema da vida prática dos indivíduos, é nosso esforço com o estudo olhar para o



Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Mundo, tentar compreendê-lo e buscar interpretá-lo à luz da visão dos homens do senso comum, para depois compreender como estes vive com o uso do celular, bem como apreender que comportamentos adoptam para dar sentido ao seu mundo de vida, estruturando-o.

A pertinência sociológica do trabalho está no facto de o tema demonstrar a possibilidade de analisar sociologicamente a realidade da vida quotidiana ou mais precisamente, a realidade que o uso do celular impõe aos entrevistados e que de certa forma dirige sua conduta na vida quotidiana.

## **1.2. Revisão da Literatura**

As transformações económicas, científicas, culturais, demográficas, etc., colocam mudanças significativas na vida em sociedade com relação as antigas formas de vida, principalmente as baseadas na tradição. No entanto, a compreensão dessas mudanças interessa a Sociologia.

Segundo a socióloga Lúcia Demartis (1999<sup>5</sup>) a Sociologia é a ciência que estuda a sociedade, o comportamento humano em função do meio e dos processos que interligam os indivíduos. É o estudo científico das relações sociais, estudando o homem em suas relações recíprocas, sendo que as interacções sociais e as consequências que daí resultam, se revelam de interesse às teorias sociológicas.

Demartis (1999) acrescenta que as teorias sociológicas debruçam-se sobre aspectos da vida social, desde o funcionamento das estruturas macro – sociológicas como o Estado, a classe social ou longos processos históricos de transformação social, ao comportamento dos indivíduos num nível micro – sociológico e das relações face-a-face.

---

<sup>5</sup> Modelo de citações livres ou paráfrase baseado em Wanda de Amaral (1999:47) e por nós adoptado no trabalho.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

No entanto, independentemente das abordagens macro ou micro, os avanços científicos têm sido analisados por muitos intelectuais que se dedicam a investigar as transformações e impactos sociais e pessoais gerados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, visto que as descobertas científicas quando postas em prática se tornam factores de mudança nas sociedades.

Apontamos em seguida algumas das consequências sociais analisadas por teóricos, que as revoluções científicas causam ou podem causar sobre a organização das sociedades, incidindo nas transformações sobre as formas dos indivíduos viverem.

Segundo o sociólogo americano David Lyon (1998:59<sup>6</sup>), “o industrialismo seria transformado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, que viriam fazer pelo poder mental o que as máquinas da Revolução Industrial haviam feito pela força muscular”.

Essa mudança envolve uma nova maneira de pensar e de agir, porque a tecnologia é parte integrante da cultura e de produção de culturas ou subculturas.

Lyon (1999) aponta que as tecnologias de informação e comunicação não são um elemento “dado” e inocente, como insinuavam os relatos da sociedade de informação. Evidencia também o papel das tecnologias no controlo e vigilância, onde grande parte dos relacionamentos mundanos é mediado pelo computador, quer seja pelos cartões bancários, cartões de saúde, de telefone, etc.

---

<sup>6</sup> Amaral (1999:49): “citação textual”

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Lyon (1998:60) distingue duas correntes que abordam as transformações tecnológicas e suas consequências: “O Pós-Industrialismo<sup>7</sup> de Daniel Bell<sup>8</sup> e o Pós-Modernismo de Jean François Lyotard<sup>9</sup>”. Ambas concordam que as transformações nas sociedades devem-se aos avanços tecnológicos.

A diferença entre ambas reside no facto de os Pós – Industrialistas terem uma visão optimista dos avanços tecnológicos, devido a rapidez na circulação de informação, altos índices de produtividade, eficiência na produção, etc., enfatizando os ganhos dos avanços tecnológicos, deixando de lado as consequências nefastas.

No entanto, os Pós-Modernistas têm uma visão pessimista, apontando que os avanços provocam o aumento do poder de vigilância, perda do sentido do real, dependência crescente das novas tecnologias, aumento das desigualdades regionais, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, perda da autonomia pessoal, etc.

Prognosticando como Lyon alguns efeitos sociais do desenvolvimento tecnológico, o sociólogo francês Jean Baudrillard<sup>10</sup> (1991) aponta que os meios de comunicação electrónicos antevêm um mundo de pura imitação de modelos, de códigos e digitabilidade de imagens de media que tornaram o real em actos que desgastam qualquer possível distinção entre o mundo real e o mundo dos meios saturadores.

Nesse mundo, para o autor, um dos efeitos dos meios de comunicação é mostrar como o social em si foi uma ilusão, usando o exemplo da televisão, que permite viver em um mundo hiper real, onde a vida vai se dissolvendo.

---

<sup>7</sup> Giddens (1991) aponta que é usado como sinónimo de pós-modernismo, sociedade pós-industrial, etc. sendo mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitectura. Diz respeito a aspectos da *reflexão estética* sobre a natureza da modernidade.

<sup>8</sup> BELL, Daniel. *The Social Framework of the Information Society*. Oxford: MIT Press, 1980.

<sup>9</sup> LYOTARD, Jean – François. *The Post Modernism Conditions: A Report on Knowledge* Manchester: Manchester Press, 1984.

<sup>10</sup> Um dos teóricos da pós-modernidade e um dos autores que diagnosticou o mal-estar das sociedades, no que respeita aos impactos da comunicação e dos medias na sociedade e na cultura contemporâneas

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

O sociólogo francês Abraham Moles<sup>11</sup> (1974) fazendo uma digressão sociológica sobre os meios de comunicação de massa, aponta que as transformações operadas pelos meios de comunicação de massa nas sociedades contemporâneas foram tão profundas que alteram o próprio princípio pelo qual se estabelece a percepção cognitiva do mundo exterior.

Para o autor, das transformações destacam-se o risco de massificação e de uniformização dos comportamentos dos indivíduos, o consumismo, a violência, a dependência que cria nos indivíduos, etc.

Analisando também os efeitos das tecnologias de comunicação na vida dos indivíduos, o filósofo e educador canadense Marshal McLuhan (1999:87), aponta que “as tecnologias de comunicação tiveram um impacto fundamental sobre os sentidos e faculdades cognitivas dos seres humanos”.

Para McLuhan (1999:88):

As tecnologias de comunicação desenvolveram um novo ambiente cultural, em que o passado da visão foi deslocado por uma interacção unificadora das realidades e na qual os indivíduos são reunidos em redes globais de comunicação instantânea, isto é, a media electrónica cria uma “aldeia global”.

Espelhando também o encolhimento do mundo, onde o espaço é aniquilado pela velocidade e instantaneidade das diversas formas de informação e comunicação actuais, que aproximam lugares distantes em cada vez menos tempo, o sociólogo americano, Manuel Castells aponta que a “revolução da tecnologia de informação e comunicação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a ‘sociedade em rede’, (2000:17).

---

<sup>11</sup> Destacou os seus contributos para o estudo da cultura de massa, especialmente no que diz respeito a estética.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Para Castells (2000) esta sociedade é caracterizada pela globalização das actividades económicas, sociais e outros aspectos, como a emergência da cultura da virtualidade real construída a partir de um sistema omnipresente, interligado e altamente diversificado.

Discorrendo sobre a Internet, aponta que:

As tecnologias estão a transformar a “geografia social” e as formas de vivermos em sociedade, onde existe uma combinação de redes sociais e da media, que constituem e moldam os modos de organização e estruturas sociais aos níveis organizacional, social e individual, (Castells 2000:18).

Castells afirma que a “Internet, entrou nos interstícios das sociedades contemporâneas e se tornou numa plataforma para o desempenho das mais variadas actividades económicas, políticas, educacionais, etc.”, (2000:20).

O celular, a par da Internet representa um impacto que ultrapassa a esfera da produção, afectando aspectos da vida quotidiana e influenciando a interacção humana.

Apesar de serem escassos estudos que versam sobre os impactos e transformações do desenvolvimento tecnológico em Moçambique, o sociólogo moçambicano Elísio Macamo (2007<sup>12</sup>) apresentou no seu blog uma discussão com o título “Presentes Envenenados”, onde aponta que “nos últimos séculos a imaginação humana tem feito avanços incríveis, todos eles com a propensão de facilitar a vida”.

Acrescenta que isso ocorre em todos os continentes, sendo que “lamentavelmente os avanços da ciência e a tecnologia no continente africano, têm efeitos perversos<sup>13</sup>, visto que aumentam as incertezas, tornam a vida menos previsível e pior, alienam-nos da humanidade”.

---

<sup>12</sup> Por se tratar de um documento electrónico e não editado, as citações textuais da obra viram sem indicação das páginas.

<sup>13</sup> Segundo Raymond Boudon (1969:76), “um efeito perverso resulta do facto de na vida existirem repercussões sociais não intencionais das acções humanas intencionais. São efeitos não desejados e geralmente opostos das acções intencionais que visam um objectivo específico”.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

É uma Sociologia do quotidiano, onde se debruça da incapacidade de dominar os produtos da modernidade. Portanto, para Macamo (2007), “as nossas novas maneiras, fruto dos “Presentes Envenenados” são condicionadas pelo facto de que fomos servidos de bandeja, coisas para as quais ainda não estamos prontos”.

Recentemente, Macamo (2008<sup>14</sup>) debruçou-se no seu blog sobre o celular, artefacto que podemos enquadrar naquilo que ele próprio apelidou de “Presentes envenenados”, porque também é produto da modernidade e reflecte um dos avanços tecnológicos.

Enquadrando também esta análise na Sociologia do Quotidiano, Macamo procura descrever algumas das transformações que o uso do celular impõe sobre as nossas condições de sociabilidade e relações sociais quotidianas.

Para esta análise, Macamo tomou como ponto de partida a reflexão do sociólogo alemão George Simmel (1858 – 1918), no seu livro “ A Filosofia do Dinheiro”<sup>15</sup>. Macamo (2008) aponta que:

Simmel usa o dinheiro para divagar, sobre as transformações das condições de sociabilidade num determinado contexto histórico. Sendo o dinheiro causa e efeito dessas transformações, visto que nele se manifesta a estrutura da nossa interacção, mas também o que nos leva a procurar a interacção e o que temos que fazer para que a interacção tenha lugar.

Macamo apoia-se na discussão levantada por Simmel, para ver até que ponto o celular pode ser descrito e interpretado mais ou menos aos moldes seguidos pelo sociólogo alemão.

---

<sup>14</sup> Como apontado na obra de 2007 do referido autor, as citações textuais desta obra também vêm sem indicação das páginas.

<sup>15</sup> SIMMEL, George. *The Philosophy of Money*. Edited by Tom Bottmore and David Frisbay, from a first draft by Koellhe Mengelber. London: Routledge, 1984.

No entanto, Macamo, chama-nos atenção que não se trata da “Filosofia do celular, mas sim uma “Etnografia do celular” onde procura fazer uma “morfologia” das nossas relações sociais e o que elas estão a fazer a nossa sociedade e ao nosso sentido de identidade.

O autor tomando o celular como mediador das relações sociais, elaborara várias hipóteses sobre as transformações que o celular produz nas condições de sociabilidade. Aponta que “o progresso tecnológico reduz a cultura cada vez mais ao que é possível fazer com os artefactos tecnológicos e, transforma os horizontes individuais em horizontes desenhados pelas possibilidades técnicas”, Macamo (2008).

Não tendo feito um trabalho de pesquisa de campo, Macamo denomina suas hipóteses de “suposições”. Não obstante, elas indicam pistas de grande valia para sua análise sobre as possíveis alterações no nível de sociabilidade e das relações sociais que o uso do celular traz.

Apontemos as “suposições” que o autor lança para possíveis estudos empíricos:

Um dos primeiros pontos que Macamo lança é a questão da *Privacidade*, onde segundo ele, a procura de um espaço individual desemboca num espaço colectivo que procura destruir o indivíduo. Portanto o celular faz evaporar a nossa privacidade, no sentido em que ela só fica inteligível como um espaço colectivo, que nos obriga a justificar a necessidade de termos um espaço individual.

Em seguida, o autor aponta que o celular pode ser um meio de *Distinção*. Para ele o problema da *distinção* não se coloca ao nível de se ter ou não celular, mas sim ao nível de que tipo de celular corresponde com o meu estatuto?

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Depois, o autor aponta que o celular é um meio de *Evangelização*, que nos compele partilhar a boa nova, onde o problema da boa nova não é nada do pelouro da nossa vida e do seu quotidiano, mas sim algo que simplesmente documenta a posse do celular.

Após a *Evangelização*, o autor aponta que o celular é um meio que proporciona o *Desabafo*, mas um *Desabafo* como tentativa de crítica social.

Em seguida, ligado ao ponto anterior, o autor aponta que o *Desabafo* é uma espécie de *Anonimato*. Isto é, é uma maneira de lançar proposições para um debate sem que isso nos comprometa com a necessidade de as defendermos.

Depois o autor, debruça-se sobre a *Desleixa* apontando que o uso do celular está a promover uma forma de *Desleixa* no contexto do qual um erro ortográfico deixa de ser um erro, mas sim uma economia de palavras.

Por último, debruça-se sobre o *Supérfluo*, que se manifesta pelo diálogo via mensagem que pode roubar o tempo. Assim, o *Supérfluo* para o autor, toma conta das nossas relações sociais, porque não conseguimos distinguir o sentido do que é essencial e *Supérfluo*, passando a dialogar com mensagens curtas que só nos roubam o tempo.

Os trabalhos dos teóricos aqui revistos nos ajudam a ressaltar o facto que o desenvolvimento tecnológico, principalmente das novas tecnologias de informação e comunicação, transformou de um modo profundo e irreversível à natureza da interacção social e da experiência cultural do mundo moderno.

A literatura revela que ao penetrarem nas nossas vidas, as tecnologias geram importantes transformações sociais. Porém, na sua maioria aponta essas transformações de um modo mais estrutural, geral e/o macro-sociológico, com pouca incidência a aspectos micro-sociológicos e do quotidiano como as análises feitas por Elísio Macamo.



### **1.3. Situação – Problema**

No mundo actual, temos a oportunidade de contemplar um crescimento imenso de tecnologias, como o celular, que de certo modo impõem transformações nas relações entre os seres humanos. Estas tecnologias surgem para responder as necessidades sempre novas dos indivíduos.

Para Lyon (1998:67), “a história moderna e da sociedade de informação é uma história permeada pela crença no progresso que as tecnologias podem impor aos indivíduos”. Essa crença aponta para a tecnologia como facilitadora do modo de estar no quotidiano dos indivíduos.

No entanto, aliadas às transformações lançadas acima por Macamo que o uso do celular traz, o sociólogo inglês, Anthony Giddens aponta que:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvincularam dos tipos de vida tradicionais de maneira sem precedentes, onde a tecnologia moderna é aplicada de modo a alterar substancialmente as relações pré – existentes de organização social humana, alterando algumas das mais íntimas e pessoais características de existência humana, (Giddens, 1991:10).

Na esteira de Giddens, o jurista italiano Danilo Doneda reflectindo sobre a privacidade na sociedade de informação aponta:

O surgimento da Internet trouxe ao debate questões sobre a privacidade que antes não eram relevantes. Questões como até que ponto os dados de uma pessoa podem ser disponibilizados na rede ou até que ponto empresas podem fazer uso de programas capazes de colectar informações sobre seus usuários para alcançar seus próprios objectivos, (2006:14).

Para Doneda (2006:16):

Na sociedade de informação e comunicação, as informações fluem a velocidades e em quantidades imagináveis, sendo que novas tecnologias despertam uma guerra, onde por um lado, existem modos de se “intrometer” na vida privada de

quase qualquer pessoa que use a Internet, enquanto que por outro lado novas tecnologias de segurança são cada vez mais usadas para garantir a privacidade das informações relativas aos indivíduos e/ou instituições.

Para as pretensões do trabalho, na impossibilidade de dar conta de tudo que o celular possibilita ou pode possibilitar, e na necessidade de eleger um problema para depois o aprofundar e atribuir relevância teórica, a construção do problema deste estudo primeiro desenvolveu-se na base da reflexão levantada por Macamo (2008) no que concerne a questão de *privacidade*.

Segundo, a formulação do problema, teve em conta também o facto de querer compreender como o celular, pode alterar as mais íntimas e pessoais características de existência humana que Giddens (1991) aponta que a tecnologia moderna (o celular é uma delas) pode na organização social humana.

Por ultimo, também por querer compreender os modos de se “intrometer” na vida privada dos indivíduos na sociedade de informação e comunicação (da qual o celular faz parte) que Doneda (2006) aponta que as novas tecnologias, particularmente a Internet, podem permitir.

No entanto, a questão da *Privacidade e controlo social* como campo de reflexão no presente trabalho não faz dele o problema e nem a questão mais importante por analisar, mas reflecte uma escolha do investigador, para descrever um panorama da situação actual que o celular possibilita na vida dos indivíduos e tentar uma possível compreensão sociológica dessa situação.

Assim o problema deste estudo, já problematizado pode ser resumido na seguinte pergunta de partida: *Que percepções e práticas sociais o uso do celular possibilita que ocorram nas relações entre casais?*

#### **1.4. Hipótese de Trabalho**

Na pretensão de oferecer explicações provisórias ao problema em estudo e ao mesmo tempo responder a questão acima colocada, estabelecemos provisoriamente a hipótese segundo a qual:

- O uso do celular possibilita que ocorram percepções e práticas sociais de “invasão de privacidade” e de controlo social nas relações entre casais.

#### **1.5. Objectivos**

Em coerência com a Hipótese acima estabelecida, traçamos igualmente os seguintes objectivos a atingir com o presente estudo:

##### **1.5.1. Objectivo Geral:**

O estudo visa descrever e compreender as transformações e influências que o uso do celular impõe na sociabilidade dos indivíduos no que respeita a relação destes consigo mesmos e com o respectivo casal.

##### **1.5.2. Objectivos Específicos:**

- Identificar como um grupo de vendedores do mercado Janeth se relaciona com o seu celular;
- Identificar como o celular, possibilita práticas e atitudes de “invasão de privacidade” e de controlo social entre os casais;
- Identificar como o celular possibilita novas práticas sociais, incluindo atitudes de insegurança, incerteza e de desconfiança entre os casais.

## 1.6. Metodologia

Nesta secção do trabalho pretende-se reconstruir os caminhos trilhados na concepção e realização do mesmo, debruça-se, portanto, sobre os métodos e técnicas adoptados.

O estudo baseia-se numa abordagem qualitativa, tendo em conta o referencial teórico, que se baseia na realidade social do quotidiano e do conhecimento que os indivíduos têm da realidade. Mostra-nos que os indivíduos estão dotados do conhecimento do “Senso Comum”, conhecimento este ligado ao meio social em que se encontram e dotado de significado para os mesmos.

Uma coisa que tínhamos em mente era que o trabalho não tomasse o rumo de análises quantitativas, com resultados estatísticos, uma vez que não queríamos trabalhar com dados que não permitissem um interacção com o objecto e ter que os quantificar na base procedimentos estatísticos.

Segundo os metodólogos e investigadores brasileiros Adil de Jesus Barros e Neide Aparecida de Souza Lehfeld (2000:57):

A abordagem quantitativa pressupõe a previsão de mensuração das variáveis preestabelecidas, almejando verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, a partir de uma análise de frequência de certas incidências e de correlações estatísticas que demonstrem o processo de causalidade entre as variáveis.

Não que a abordagem quantitativa não seja importante à análise sociológica, na medida em que, a nosso ver, qualquer levantamento de dados desde que sociologicamente interpretados é importante para a pesquisa em Sociologia.

Para Barros e Lehfeld (2000), o investigador busca levantar dados que possam ser utilizados em análise quantitativa ou qualitativa, desde que seleccione os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa e as informações que o podem explicar, para

depois analisar, de modo atingir as verificações que o problema escolhido pelo investigador suscita.

No estudo, a abordagem qualitativa se apresenta como escolha do pesquisador e não como alternativa as insuficiências das abordagens quantitativas. Assumimos que tal escolha não foi arbitrária, mas ao contrário, trata-se de uma tentativa de estabelecermos uma interação com o nosso material empírico, o que não seria possível com inquéritos na base de perguntas fechadas, geralmente associadas a abordagens quantitativas de pesquisa.

O uso da abordagem qualitativa justifica-se por querer-mos investigar questões relacionadas com as visões do mundo no contexto das relações casais, ligadas a práticas destes no seu quotidiano.

Queremos deste modo, identificar suas percepções e representações sociais que o uso do celular traz sobre a questão da “invasão de privacidade” e controlo social, e assim captarmos suas experiências na base dos seus quadros sociais de referência.

Ademais, esta metodologia e as técnicas a ela associadas permitiram-nos mergulhar e aprofundar sobre o quotidiano dos entrevistados.

Como procedimento, adoptamos um estudo de caso para apreendermos as experiências quotidianas dos vendedores, pela apreensão das características significativas da vida quotidiana dos entrevistados em torno do celular.

Assim, o estudo de caso, opção assumida neste trabalho, define-se como uma linha da pesquisa qualitativa de análise interpretativista dos fenómenos.

Segundo Barros e Lehfeld (2000:69):

Esta linha de pesquisa não está direccionada em obter generalizações e nem há preocupações fundamentais com tratamentos estatísticos e de quantificações de dados, mas sim buscar análises do seu quotidiano como fruto das manifestações subjectivas dos actores.

No entanto, segundo Barros e Lehfeld (2000) pode-se realizar um estudo de caso tipificando um indivíduo, uma comunidade, uma organização, um bairro comercial, etc., para identificar as percepções e representações sociais, bem como para obtenção de conhecimentos de uma realidade delimitada.

Assim, escolhemos um pequeno grupo de vendedores como sujeitos pela impossibilidade de realizar um estudo de grandes dimensões e abrangente que envolva todos vendedores afectos ao mercado, bem como por razões de custo e de tempo.

Com este pequeno grupo, queremos captar de modo profundo as suas experiências, sem no entanto nos propormos a elaborar grandes generalizações com as nossas avaliações e conclusões dos dados, mas descrever como o celular trouxe transformações do nosso grupo alvo individualmente e entre casais.

O local escolhido foi o mercado Janeth, pela possibilidade de elaborar o trabalho de campo sem grandes deslocações diárias para colecta de dados e pelo carácter heterogéneo da sua população, ou seja, há um mescla sócio-cultural e económica, o que possibilita captar diferentes percepções e práticas que os indivíduos têm face ao celular.

Segundo o sociólogo e investigador italiano, Franco Ferrarotti (1985) para o investigador, o ideal seria poder entrevistar todos os membros de uma determinada população, porém, não sendo possível na prática por razões de custo e de tempo, resta-nos apenas colectar uma amostra que nem é sempre representativa.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Escolhemos uma amostra de constituída por 18 indivíduos. Sendo um número pequeno, escolhido intencionalmente, em função da aceitação e do interesse dos mesmos em fazer parte da nossa amostra e compartilhar suas experiências em relação ao tema.

Foram entrevistados 9 Mulheres e 9 Homens, sendo que quanto ao seu estatuto 6 são casados, 6 vivem maritalmente, 4 namoram e 2 são separados. Esta categorização surgiu em função da aceitação dos indivíduos em fazer parte da pesquisa. Contudo, a categoria separados, é fruto dos dados do trabalho de campo, sendo que a mesma não traz qualquer alteração sobre a hipótese e objectivos estabelecidos para o trabalho.

Acresce-se que o tamanho da amostra se fixou em função da abertura dos vendedores, e foi intencional ou por conveniência em vista encontrar os casos que melhor se identificavam com fenómeno, visto que no processo de colecta de dados, ouve quem não quis compartilhar.

A decisão de estudar uma categoria social<sup>16</sup> de indivíduos pequena, fez com que procurássemos torná-la mais homogénea possível, devendo preencher os seguintes critérios: deveriam ter celulares próprios no mínimo seis meses, deveriam ter ou ter tido parceiros no mínimo a seis meses e exercer qualquer actividade no mercado Janeth.

Não foi feita restrição de sexo e nem tipo de produto que cada um vende, desde que preenchesse os critérios anteriores.

Utilizou-se como técnica de recolha de dados entrevistas semi-estruturadas em profundidade com um único respondente. Estas foram gravadas em áudio, com uma duração de 30 à 40 minutos cada e posteriormente transcritas uma por uma para análise de conteúdo e avaliação dos dados.

---

<sup>16</sup>Por categorias sociais, “entende-se uma pluralidade de pessoas que são consideradas como uma unidade social pelo facto de serem efectivamente semelhantes em um ou mais aspectos, não havendo necessidade de proximidade ou contacto mútuo para dela fazer parte”. (Marconi e Lakatos, 1999:154).

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

As entrevistas decorreram no intervalo das 11:30 às 13:30 Horas<sup>17</sup>, período em que o mercado apresentava uma certa calma quanto a afluência de clientes, bem como os próprios aproveitavam para almoçar e repousar.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos entrevistados e cada um escolheu onde exercia sua actividade, facto que lhes deu mais confiança e garantia que o seu negócio não iria parar e nem perderem clientes no decurso da entrevista. É de salientar que para lhes deixar mais a vontade, apontamos que não nos importariamos de parar a conversa de modo que atendessem os seus clientes.

As mesmas tiveram um tom informal, para que os entrevistados se sentissem descontraídos para nos revelarem suas experiências. Para procurar mostrar uma certa aproximação entrevistador-entrevistado, aos mais velhos chamávamos de Pai/Mãe e aos mais jovens, mano/maná ou irmão/irmã de modo a introduzir uma intimidade e assegurar o anonimato, o que muito contribuiu para o sucesso das entrevistas.

Ainda para os deixar a vontade, foi-lhes dito que não nos interessava conhecer os seus números de telefone, a operadora que usam, nem o tipo marca e referência do celular, bem como quanto gastam em crédito.

As perguntas do guião de entrevista<sup>18</sup> eram maioritariamente abertas, para que permitissem qualquer tipo de resposta. Havendo algumas fechadas, sempre seguidas de perguntas de aprofundamento como: “por quê”, “onde”, “em que situações”, “como”, da “para explicar” etc.

Baseamo-nos nas metodólogas e docentes de sociologia brasileiras, Marconi & Lakatos, que atestam que a “escolha desta técnica permite um maior aprofundamento das questões

---

<sup>17</sup> Acresce-se que o período foi-nos sugerido e apontado pelo chefe do Mercado e pelos chefes da Comissão dos vendedores.

<sup>18</sup> Ver em anexo.



levantadas na medida em que dão maior liberdade aos entrevistados de desenvolverem cada situação” , (Marconi & Lakatos, 2006:55).

É uma forma de explorar mais amplamente uma questão porque as questões previamente elaboradas e colocadas são em geral abertas, ou seja, à medida que a conversa decorria novos dados ou pistas surgiam e o entrevistador devia ser capaz de avaliar se as respostas dadas explicam um determinado fenómeno ou se era preciso explorar mais, de detectar novas pistas de investigação e apreciar a sua pertinência.

A pesquisa compreendeu 3 fases distintas mas interligadas: a primeira fase foi de desenho do projecto de Trabalho de Fim de Curso, acompanhada de revisão bibliográfica. A segunda fase foi de trabalho de campo para a recolha de dados e a terceira consistiu na análise e interpretação dos dados e conseqüente elaboração do relatório, também acompanhada de revisão bibliográfica.

Contudo, houveram alguns constrangimentos e obstáculos que poderiam marcar o curso do estudo. O primeiro obstáculo que nos surgiu foi do vazio da literatura que se debruça sobre os impactos sociais do desenvolvimento tecnológico em Moçambique, com particular destaque para o celular.

Tivemos obstáculos também na recolha de dados, no que concerne a efectivação das entrevistas, na medida que houveram vendedores que se sentiam retraídos pelo uso do gravador. Facto que suscitou neles desconfiança quanto ao que iria ser feito com as informações.

No entanto, uma explicação prévia sobre a finalidade académica da pesquisa serviu para sanar este obstáculo, isto é, que o trabalho circunscreve-se em escolher um fenómeno, sair para o terreno partilhar com as pessoas e depois explicar o que elas pensam do tema.

Houveram ocasiões em que, os entrevistados, não conseguiam e não queriam esclarecer factos que, para eles, são partes de regras ou condutas inquestionáveis, mas coube-nos ter que deixar novamente bem claro a finalidade da conversa e por quê era relevante para o trabalho.

Também, haviam questões corriqueiras, sendo que estes não entendiam porquê alguém teria interesse nesses assuntos, mas para nós, eram importantes elementos de compreensão.

Por último, é de salientar que as entrevistas sofreram algumas interrupções para que os entrevistados atendessem potenciais clientes e/ou clientes que se dirigiam ao local. Aqui, coube ao entrevistador maior atenção do momento em que a entrevista foi interrompida e fazer lembrar ao entrevistado, para que o mesmo não perdesse o seu fio de pensamento.

Depois de colectados, os dados foram analisados e interpretados, de acordo com o método de análise de conteúdo nos critérios propostos por Laurence Bardin<sup>19</sup> (1995), que é um instrumento utilizado para entender entre outras coisas, uma comunicação, seja ela clara ou não.

Esta fase constituiu-se na transcrição das entrevistas na íntegra, para buscar uma correspondência entre a linguagem e a comunicação dos entrevistados com a realidade em análise.

Tomamos atenção as entoações e linguagens nos próprios termos que os entrevistados apontavam no decurso da conversa, em vista compreender os eventos a partir dos significados atribuídos pelos mesmos e assim entrar no seu quotidiano.

---

<sup>19</sup> Professor assistente de Psicologia na Universidade de Paris que aplicou as técnicas de análise de conteúdo em investigações psicossociológicas e no estudo das comunicações de massa. Sendo uma obra que pode ser usada para estudos psicológicos, sociológicos, políticos, etc.

Tivemos igualmente em conta as pausas, os risos e as reticências no decurso da interacção entrevistador-entrevistado, aspectos importantes para compreensão das respostas.

Feitas as transcrições fizemos uma leitura das entrevistas em vista destacar os elementos que se repetiam, para em seguida ter-se feito uma comparação entre as respostas.

O discurso produzido pelas respostas foi considerado individual e colectivamente. Individualmente, quando foram consideradas as experiências de cada entrevistado sobre o fenómeno. Colectivamente, quando consideradas as complementaridades entre as respostas que revelassem estruturas e relações entre as partes do fenómeno.

Posteriormente, articulamos as ideias umas com as outras, destacando as principais e as relevantes para o trabalho e elaborar relações entre elas, bem como ver de que maneira se influenciam.

Portanto, os resultados relevantes foram elaborados em categorias que reflectem uma descrição dos significados do Tema, nomeadamente: 1. Que influência tem o celular para o negócio (se o celular ajuda e facilita a actividade); 2. Como os indivíduos se relacionam com o celular (onde se situa, como se encontra e como se sentem quando o esquecem em casa); 3. Cingimo-nos sobre o foco central, que é a questão da quebra de privacidade entre casais.

## **CAPÍTULO – II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL**

Nesta secção, traremos o quadro teórico e os conceitos com os quais olharemos a realidade e as inquietações que o estudo procura descrever e compreender.

### **2.1.1. Enquadramento Teórico**

Para Macamo (2004:13):

Sempre que olhamos para o social fazemo-lo a partir de uma certa perspectiva. Através dela apreendemos a realidade de forma muito específica. As perspectivas são formas de organização da observação e por meio disso, de organização da realidade social. A perspectiva é como as lentes de óculos: a realidade assume a cor das lentes, se forem verdes, ela será verde, se forem escuras a realidade, por mais claro que esteja o dia, será também escura.

Assim, existindo várias teorias para a leitura da realidade social e estas buscarem mais aderentes a elas, a sua qualidade mede-se pela possibilidade de dar conta da realidade em análise. Para Peter Berger e Thomas Luckmann “enquanto as teorias continuarem a ter aplicações práticas imediatas, qualquer rivalidade que possa existir é facilmente harmonizada por meio da prova prática”, (1996:161).

Para Machado Pais<sup>20</sup> (2002), a descoberta dos enigmas do quotidiano debate-se com a ruptura com o positivismo e com certo dogmatismo da sociologia tradicional, insistindo no afastamento dos caminhos viciados nos quais só se vê o que o modelo teórico permite. Para o autor a contextualização teórica pela via do quotidiano, afirma a necessidade da investigação e descoberta do desconhecido.

No presente estudo, propomo-nos seguir a linha teórica de pesquisa do quotidiano na tentativa de debruçar-se e descobrir, na linha de Machado Pais, um terreno desconhecido sobre o uso do celular.

---

<sup>20</sup> Sociólogo português com vários estudos e obras sobre a sociologia do quotidiano

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no cotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Para dar conta da realidade tomamos como “lentes” o modelo construtivista da realidade de base fenomenológica, usando a Sociologia do conhecimento de Peter Berger e Thomas Luckmann e a Etnometodologia de Harold Garfinkel. Como aponta Machado Pais, “estas teorias enquadram-se nas teorias do cotidiano e que se afastam do positivismo e dogmatismo da sociologia tradicional”, (2002:13).

Estes sociólogos tiveram grande influência do pensamento de Alfred Schutz no que respeita ao estudo da realidade quotidiana e a compreensão que os indivíduos têm do real.

Segundo Demartis, (1999:11):

A Fenomenologia é o estudo da experiência humana consciente na vida diária da forma inicialmente formulada por Alfred Schutz. A Sociologia fenomenológica, constitui o estudo da ligação entre consciência humana e vida social, entre a maneira como as pessoas percebem, pensam e falam sobre a vida social, por um lado, e a forma assumida pela vida social, por outro lado.

A sociologia fenomenológica debruça-se sobre a experiência do dia-a-dia dos indivíduos e na maneira como esta experiência diária os leva a interpretar o mundo. O conhecimento do quotidiano para os indivíduos tem sentido e significado para eles, na medida que lhes serve para estruturar o seu quotidiano e perpetuar acções.

Na visão de Alfred Schutz<sup>21</sup> citado por Demartis (1999:112):

À análise social deve partir da observação das experiências do quotidiano (mundo da vida), da atitude natural dos indivíduos. O mundo da vida constitui de facto, o âmbito em que os sujeitos se encontram inseridos no seio de esquemas interpretativos, que estruturam o seu quotidiano.

Na vida quotidiana, os indivíduos interpretam o seu mundo e tomam esta interpretação como algo evidente e/ou óbvio (como “natural”) e daí constroem conceitos, formas de pensar e perceber o seu mundo que lhes influenciam nas práticas e comportamentos diários.

---

<sup>21</sup> SCHUTZ, Alfred. *A Fenomenologia nas Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, (s.d).

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Elaborada pelo sociólogo alemão Alfred Schutz, baseada na filosofia de Edmund Husserl, e difundida no âmbito americano, a sociologia fenomenológica deu origem a numerosos desenvolvimentos contemporâneos. Nela se inspiraram sociólogos como Peter L. Berger e Thomas Luckmann e nas reelaborações da Etnometodologia de Harold Garfinkel e Aaron Cicourel.

Estas duas perspectivas serão a base teórica do presente trabalho, pois em suas abordagens elucidam como os indivíduos constroem o próprio conhecimento da realidade em que se encontram inseridos, bem como, determinam as relações entre o pensamento humano e o contexto em que se encontram.

Segundo Berger e Luckmann (1996:38):

(...) a vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentido para eles, na medida que, forma um mundo coerente. Como sociólogos, tomamos esta realidade como objecto de nossas análises. Sendo que entre as múltiplas realidades, há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida quotidiana.

Estes autores debruçam-se sobre a experiência do dia-a-dia dos homens, na maneira como essa experiência os possibilita interpretar e dar sentido o mundo em que se encontram inseridos.

“Esse mundo que se origina no pensamento e na acção dos homens comuns, se afirma como real para eles. Esse mundo é objectivo e fruto de processos subjectivos”, (Berger e Luckmann, 1996:39).

A realidade é concebida numa perspectiva construtivista, isto é, encaram-na como socialmente construída, tendo os indivíduos o papel de definidores dessa mesma realidade, estruturando-a.

Na mesma linha que Berger e Luckmann, que advogam a capacidade criativa dos indivíduos para dar seguimento a sua vida quotidiana, a Etnometodologia de Garfinkel, está em vista, segundo Coulon (1995:29-30):

O raciocínio sociológico prático, na tentativa de analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida quotidiana. Estes autores, interessam-se nas actividades práticas, e em particular o raciocínio prático, quer seja profissional ou não.

Para Coulon (1995) a Etnometodologia analisa as crenças e comportamentos do senso comum como os constituintes necessários de todo o comportamento social organizado, abordando as actividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático como temas de estudo empírico. Concedendo as actividades corriqueiras da vida quotidiana a compreensão como fenómenos de direito pleno.

As teorias que fazemos uso no estudo, enquadradas nas teorias que se debruçam do quotidiano e das actividades quotidianas dos indivíduos evidenciam o papel do conhecimento do senso comum para compreensão do dia-a-dia dos sujeitos. Ademais, a forma de pensar que os sujeitos do senso comum apresentam, tem o cerne de servir de compreensão da realidade quotidiana por eles vivida.

Para estas teorias, os sujeitos não se prendem somente a quadros estruturalmente estabelecidos. Ao mesmo tempo que seguem um quadro estabelecido, estes o modificam, isto é, a realidade encontra-se constantemente a ser recriada em cada relação quotidiana que os indivíduos do senso comum encetam.

Estas abordagens preocupam-se com o raciocínio dos indivíduos e as acções práticas como realizações contínuas para organizar a vida quotidiana e lhe dar sentido. Assim o indivíduo é encarado como dotado da capacidade de dar sentido o seu mundo social, onde

as acções por ele perpetuadas não ocorrem ao acaso, mas são desenhadas antes de se as perpetuar.

Com estas abordagens teóricas pretendemos apreender como em seu contexto quotidiano, os sistemas conceituais do uso do celular empregados pelo nosso grupo alvo, se materializam em práticas. Assim, ir de encontro aos procedimentos implementados pelos indivíduos do senso comum, para perceber a corrente do mundo e deste modo agirem na vida quotidiana perpetuando suas actividades.

Segundo Coulon (1995:32):

Esta realidade quotidiana não é pré-estabelecida, mas sim fruto das actividades práticas que os indivíduos do senso comum adoptam ao interagirem em torno dela, bem comum com os membros do contexto em que se enquadram no dia-a-dia. Estes não são seguidores de leis e normas dadas, mas criam e recriam normas que orientem suas acções.

Ao querermos fazer uso destas abordagens pretendemos apreender a vida quotidiana e as construções que os indivíduos têm em torno do celular, que os leva adoptarem comportamentos que dão sentido as suas orientações. Com ela visamos atingir a constante recriação das percepções e práticas que os indivíduos podem ter face ao uso do celular.

Entretanto, uma das principais vantagens destas abordagens construtivistas da realidade, que se prendem ao estudo da vida quotidiana e do conhecimento do senso comum é a capacidade de descrever uma realidade, um fenómeno que existe, dos quais muitas das vezes não nos damos conta, mas com grande fervor mobilizador e explicativo de aspectos de vida em sociedade.

Elas permitem identificar como as percepções actuam no despertar do interesse dos indivíduos ao terem determinado práticas, em vista a estruturarem o seu quotidiano, bem



Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

como atingir os enigmas do quotidiano, reflectindo-os aos contextos interpretativos/explicativos da sociologia do quotidiano.

Na perspectiva de Berger e Luckmann (1996:46):

A vida quotidiana é caracterizada de interações entre os que utilizam símbolos para se interpretarem reciprocamente e atribuir significações as percepções e experiências do “mundo vida”, marcado por correntes de rotinas diárias, interações e eventos aceites como coisas naturais e consideradas não só como origem das experiências individuais, mas também das formas assumidas pelo grupo e pela sociedade. Sendo que a realidade da vida quotidiana é partilhada com os outros.

Analisaremos as percepções e práticas dos indivíduos, dentro de uma realidade imediata, buscando o significado e os pressupostos dos fenómenos, assumindo que não há uma única realidade, tantas quantas forem suas interpretações e/ou percepções e por conseguinte comportamentos e/ou práticas, que os indivíduos podem ter face ao celular.

### **2.1.2. Enquadramento Conceptual**

Para Macamo (2004:15):

A sociologia é uma ciência discursiva. Noutros termos, ela não lida directamente com o seu objecto, se não por intermédio do discurso. Em sociologia, apreende-se a realidade a partir de afirmações sobre ela. (...) nós apreendemos a realidade discursivamente através dos conceitos.

Os conceitos que usamos para apreender a realidade, estão de ponto de vista teórico, mais ou menos interligados, porém, não daremos definições acabadas sobre os mesmos.

Faremos ajustes em função dos objectivos do estudo, na medida que as realidades são dinâmicas e os conceitos seguem-nas, podemos afirmar que a forma de pensar, ver e abordar um objecto se modifica pela dinâmica do mesmo.

Ao longo do trabalho, propomos a utilizar os seguintes conceitos: Percepção Social, Prática Social e “invasão de privacidade” e controlo social.

### **2.1.2.1 Percepção social.**

Segundo, Paulo Clemente et al. (1997), a percepção é antecipar pela ideia que me vem a memória, a representação do objecto do qual as sensações corporais me dão indícios fragmentários. Ela deve ser pensada sobre o modelo de visão, como uma opinião exterior que suponha a existência do objecto, mas sim a partir de um contacto com o mundo, de um sentimento de presença própria da coisa.

Na visão destes filósofos, a percepção é vista como uma actividade mental do indivíduo em contacto com a realidade em que se envolve ou ainda, é uma maneira de se relacionar com o mundo e não como algo estabelecido, mas sim fruto do contacto que se tem com o mundo.

Trata-se de um conceito que pretende captar as formas como o indivíduo apreende a realidade e a sua possível relação com essa mesma realidade. Neste sentido, só se tem percepção de algo com o qual temos contacto e que faz parte da nossa experiência quotidiana, isto é, como algo que sabemos que existe e com ele nos relacionamos.

Por sua vez Berger e Luckmann encaram a percepção:

Como uma actividade psicológica e que não deve ser analisada numa única vertente. Como uma actividade psicológica, deve ser interpretada com base no contexto em que o indivíduo se encontra. Assim, a relação que o indivíduo estabelece no mundo social é que dita a percepção desse mundo passando a ser o seu conhecimento, (1996:69).

Na definição destes autores, percebe-se que a ideia de percepção de algo tem a ver com a capacidade de os indivíduos relacionarem-se com esse algo como um mundo que lhe é

exterior, mas dotado de sentido para o indivíduo, na medida em que lhe pode servir de guia de orientação no decurso de sua vida. Dessa percepção gera-se um conhecimento da realidade, sendo que esse conhecimento é criado pelo indivíduo ao entrar em contacto com a realidade e os demais em seu redor.

As definições de Clemente et.all e Berger e Luckmann ajustam-se aos interesses do nosso estudo, uma vez que privilegiam a ideia segundo a qual, os indivíduos têm a percepção das coisas tendo em conta a possibilidade de entrarem em contacto com elas no decurso quotidiano.

Portanto para ambas, a questão da percepção social que se tem das coisas na vida, pode depender das interacções entre os indivíduos e também dos indivíduos e o meio social.

Assim pretendemos estudar as percepções em torno do uso do celular, como meio de captar as visões do mundo que orientam as tomadas de decisão dos indivíduos por nós investigados, na relação entre casais e dos indivíduos face ao uso do celular.

No estudo, pretendemos entender a percepção social como ideias, significados, concepções ou representações que os indivíduos têm do celular.

A percepção do celular, por cada indivíduo, pode estar relacionada com sua percepção da vida, que por sua vez, ocorre em contextos contraditórios, marcados por diferenças sociais, económicas, culturais, estudantis e individuais. Isto permite ver que coexistem percepções distintas, em momentos distintos e contextos distintos.

Portanto, para o nosso estudo, o conceito permite-nos perceber a existência de um conjunto de factores que contribuem para o processo do conhecimento resultando em atitudes individuais ou colectivas em relação ao uso do celular pelos indivíduos no seu quotidiano, estruturando-o.

### 2.1.2.2 Prática Social

Sobre este conceito, Elias P. Orlandi<sup>22</sup> (1993) parte da premissa de que a linguagem expressa no discurso dos sujeitos é simultaneamente instrumento de construção ou representação da realidade e de mediação das relações sociais travadas. É uma forma de acção social, forma de trabalho e de produção simbólica, constituída em processo histórico determinado.

Este autor considera práticas sociais como elementos indissociáveis da realidade uma vez que os indivíduos agem sobre ela, pertencendo ao domínio das relações vigentes e podendo operar tanto como meio de manutenção como de transformação das relações sociais e da realidade social.

Neste sentido, as práticas sociais tem a ver com a realidade em que os indivíduos se encontram inseridos, agindo sobre ela.

Nesta noção, e de acordo com as pretensões do nosso estudo, está evidente a capacidade criativa e de recriar que os indivíduos do senso comum têm da realidade, bastando que para tal experimentem acções com os demais e no meio social circundante.

Garfinkel<sup>23</sup> citado por Coulon (1995:34):

Aponta que os factos sociais devem-se considerar como realizações práticas, porque o facto social não é um objecto estável, mas produto da contínua actividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, regras de comportamento, em suma uma metodologia leiga cuja análise é tarefa do sociólogo.

---

<sup>22</sup> Professor titular das análise de discurso no departamento de linguística do Instituto de Estudos de Linguagem na Universidade de Campinas, Brasil.

<sup>23</sup> GARFINKEL, Harold. *A Conception and Experiments with "Trust" as Conditions Stable, Concerted Actions*. New York: Ronald Press, 1963.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Ainda para Garfinkel<sup>24</sup> citado por Coulon “os estudos etnometodológicos analisam as actividades quotidianas dos membros como também dos métodos que fazem essas mesmas actividades visivelmente racionais e relatáveis a todos fins práticos, isto é, descritíveis enquanto organização ordinária das actividades de todos os dias”, (Coulon, 1995:42).

Nas visões apontadas por Coulon, o conceito de prática social tem a ver com a capacidade de os indivíduos perpetuarem no seu quotidiano actividades para dar conta dos acontecimentos que lhes aparecem, isto é, para atingirem os objectivos no seu quotidiano os indivíduos devem executar certas actividades.

Tendo em conta as definições de práticas sociais apresentadas por Orlandi e Coulon, no estudo práticas sociais podem ser vistas como uma série de atitudes e comportamentos, que os indivíduos tomam no relacionamento entre casais e consigo mesmo com referência ao celular.

As práticas sociais pressupõem um modo de agir constitutivo das actividades sociais quotidianas e estruturadas, podendo ter um carácter de regularidade e/ou continuidade e repetição no dia-a-dia.

Com o estudo delas, podemos apreender como uma ordem social se realiza, visando-se sobre as práticas concretas e condutas sociais concretas. Podemos compreender as práticas que o uso do celular acarreta no quotidiano dos indivíduos, bem como estas práticas espelham transformações e influências nas relações entre casais e nos níveis de sociabilidade quotidianas.

---

<sup>24</sup> \_\_\_\_\_ . *Studies in Ethnomethodology*. New Jersey: Prentice Hall, 1957.

É de salientar que para Coulon (1995:33):

Ao falar de práticas, é necessário considerar que o indivíduo tem o potencial de recriá-las na subjectividade. As práticas são condicionadas e não determinadas pelas percepções. Acresce-se que, muitas vezes antes das práticas, há um conhecimento prévio que o dá sentido. Isto é, perspectivamos acções e comportamentos que sejam reflexivos das percepções que anteriormente temos de uma realidade. Muitas das vezes esta realidade é compartilhada pelos demais indivíduos na sociedade.

Tendo em conta o nosso quadro teórico, que privilegia a maneira como os indivíduos do senso comum concebem na mente a realidade para depois experimentarem acções sobre a realidade como agentes activos, articulamos os conceitos de percepção e práticas sociais.

Articulamos como os indivíduos percebem o celular e como estas percepções influenciam nas práticas no seu dia-a-dia, e deste modo perceber como constroem e estruturam o seu quotidiano face ao celular.

### **2.1.2.3 “Invasão de Privacidade”.**

Para investigarmos sobre “invasão de privacidade” temos antes que definir (ou pelo menos tentar definir) o termo “privacidade”. Este não é um trabalho simples, já que seu significado é largamente subjectivo, na medida em que o significado de privacidade para uma pessoa pode diferir por completo do significado de privacidade para outra, mesmo dentro ou não de um mesmo grupo etnico-cultural.

O jurista inglês Jean L. Cohen conceitua privacidade como “vida privada, particular, íntima, à privacidade e a intimidade dos objectos particulares, dos livros que se lê, da correspondência, de idêntico modo, a roupa que se veste, a conversa que se efectua com o jornaleiro ou o padeiro fazem parte da privacidade daqueles que dela participam” (Cohen, 2002:235).

Cohen acrescenta ainda que:

A privacidade é o direito de excluir razoavelmente da informação alheia ideias, factos e dados pertinentes ao sujeito. Para ele este poder jurídico atribuído à pessoa consiste, em síntese, em opor-se à divulgação de sua vida privada e a uma investigação desta, isto é, é um direito de proibir a intervenção ou o conhecimento alheio, (2002:238).

Para este autor o direito à privacidade revela a necessidade de a pessoa afastar do conhecimento alheio fatos de sua vida particular e também de impedir-lhes a divulgação. Neste sentido, cabe ao indivíduo ter controle sobre as informações existentes sobre si mesmo e exercer este controle de forma consistente com seus interesses e valores pessoais, pois parte do princípio que só ao indivíduo dizem respeito.

Debruçando-se também sobre a questão da privacidade, José Adércio Leite Sampaio<sup>25</sup> aponta que o ser humano tem:

Direito à privacidade assim como à intimidade de forma que devem ser preservados informações particulares que o indivíduo tenha interesse de manter em sigilo e também não se pode permitir que qualquer conteúdo de uma conversa seja divulgado independente do meio empregado de comunicação e diálogo, pois, em qualquer destas hipóteses, uma violação corresponderia a uma intromissão na vida privada, (1998:42).

A concepção de Sampaio aproxima-se à de Cohen, na medida em que ambas englobam a parte dos factos mais reservados de uma pessoa que consiste na prerrogativa dos indivíduos excluïrem do conhecimento de terceiros factos que a partida não desejam ver exposto à divulgação alheia, entre elas, a conversa que o individuo pode ter com outrem.

Tomamos as definições de Cohen e Sampaio como um exemplo porque abordam a privacidade tendo em conta aspectos sobre os quais os indivíduos podem querer preservar

---

<sup>25</sup> Docente e pesquisador brasileiro do programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais na Escola Nacional de Ciências.

do conhecimento de outrem e, também porque elas de certa forma passam a ideia fundamental por trás do assunto que o presente trabalho aborda.

No entanto, atendendo que o que é considerado privado pode diferir de indivíduo para indivíduo, o mesmo pode acontecer com a ideia de “invasão de privacidade”, assim, podem existir diversos mecanismos e formas de invadir a privacidade ou de considerar que a privacidade é ou foi invadida.

Assim na base das definições acima apontadas a questão de “invasão de privacidade” deve ser entendida no estudo, como todo o esforço sistemático perpetuado entre os casais tendentes a mexer e fiscalizar o celular alheio sem autorização prévia, bem como, quando existe a tendência de entre casais se questionarem onde é que cada um está, o que está fazendo e com quem está ou estava a falar ao celular e, para quem enviou ou quem lhe enviou uma mensagem.

#### **2.1.2.4. Controlo Social.**

Para que os indivíduos possam viver em sociedade, em organização, ordem e harmonia é necessário que os mesmos se subordinem sua conduta aos padrões, as normas, regras de convivência e aos valores dominantes na sociedade da sociedade ou mesmo dos grupos de que fazem parte. No entanto o acto que é feito com esse objectivo denomina-se controlo social.

Segundo os sociólogos portugueses Maria da Luz Oliveira et.all (1989:115) o controlo social:

É o conjunto dos meios utilizados pela sociedade em geral e pelos grupos em particular para obterem consenso e a conformidade do comportamento dos seus membros aos valores, padrões, regras e normas por eles estabelecidas. Mas para que o controlo seja perfeito é necessário que os seus princípios e normas se ajustem não apenas a conduta externa dos indivíduos e grupos mas também da conduta interna, isto é, seus pensamentos, sentimentos e ideias.



Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Para estes autores a ideia de controlo social passa por se estabelecerem normas de conduta para os indivíduos, as quais os mesmos devem ter como código de princípio de suas vidas no quotidiano e obedecerem, mesmo que para tal devam interiorizar na mente.

A definição destes autores se enquadra no nosso trabalho na medida em que segundo eles, o controlo não é semelhante ao conjunto de sanções de que a sociedade dispõe, mas ao conjunto de meios sociais que permitem tanto as instituições como qualquer actor social controlar ou vigiar outrem, bem como a possibilidade de sancionar se necessário, independentemente dos recursos que sejam aplicados para exercer esse controlo.

Neste sentido, para o trabalho, a ideia de controlo social subjacente ao mesmo pode ser percebida com toda acção perpetuada entre os casais tendentes a fiscalizar a vida do parceiro com recurso ou através do acto de mexer o celular de um deles sem que para tal haja por parte de ambos uma autorização explícita para tal.

## **CAPÍTULO – III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

### **3.1. Resultados micro-sociológicos sobre o uso do celular**

Para Apresentação dos Resultados, depois de transcritas, lidas e comparadas todas respostas das entrevistas buscamos as respostas mais comuns em termos de palavras que mais surgiam para mesma questão, bem como alguns parágrafos que expressavam práticas e atitudes também comuns.

Em torno das respostas escolhemos as questões mais relevantes para o tema em análise, onde salientamos que as expressões saíram espontaneamente dos entrevistados ao apresentarem seus depoimentos sobre o tema.

Tendo em conta a hipótese e os objectivos estabelecidos para o trabalho apresentamos neste capítulo os resultados relevantes que o trabalho do campo nos forneceu, fruto dos depoimentos que ouvimos durante as entrevistas no que concerne as transformações que o uso do celular proporciona aos indivíduos no quotidiano.

Para a nossa apresentação dos resultados organizamos a análise nos seguintes blocos temáticos: 1. Os entrevistados têm o celular sempre por perto, ligado e sentem-se mal quando o esquecem em casa; 2. Celular como facilitador dos negócios; 3. O celular propicia a quebras de privacidade entre casais associado a práticas de controlo social entre os indivíduos; 4. Com o celular existem manifestações de desconfiança que possibilitam ocorrências de aborrecimentos entre os casais.

É de salientar, que não pretendemos considerar o estudo das percepções e práticas dos entrevistados sobre a relação com os respectivos parceiros, sem ouvirmos estes últimos, como a realidade taxativa. Isto é, o facto de não termos entrevistado os parceiros dos

nossos entrevistados os resultados que apresentamos em seguida podem não reflectir taxativamente o que os celulares possibilitam na convivência entre os casais.

Contudo não queremos também afirmar que o que eles nos transmitem trata-se de uma falsa realidade, mas sim que os depoimentos dos mesmos reflectam suas experiências quotidianas em torno do celular.

Apresentamos em seguida, recortes dos textos que a transcrição das entrevistas nos proporcionaram, onde evidenciamos os resultados que reflectem as transformações que o uso do celular traz no quotidiano dos entrevistados no que respeita a relação destes consigo mesmo e na relação com os respectivos parceiros. Assim sendo, surgiram-nos os seguintes resultados:

### **3.1.1 Os entrevistados tem o celular sempre por perto e ligado:**

Questionando aos entrevistados a rotina diária deles desde que acordam até irem dormir sobre a localização do celular e o estado em que o mesmo tende a ficar (ligado/desligado, em silencio/a vibrar), eles começaram por apontar onde tende a ficar o celular quando estão a dormir, sendo que apontaram: nas almofadas (12 respondentes) e na cabeceira da cama (6).

Disto pelos depoimentos, há uma tendência de os entrevistados apontarem terem o celular sempre por perto até ao ponto de o colocarem por debaixo das almofadas na sua maioria e outros na cabeceira da cama, quando estão a dormir. Como elucidam os seguintes extractos:

*“ Quando estou a dormir, deixo o celular na cama, nas almofadas, ta ver nem”.*  
(Henriques<sup>26</sup>).

---

<sup>26</sup> Todos os nomes são fictícios.

*“ É assim, tou a dormir, tou na cama, na cabeceira ao lado coloco o celular.*

*(Rosália)*

*“ O celular fica na minha cabeceira quando estou a dormir”. (Beto)*

*“ Costumo deixar em baixo da almofada, que é para poder estar um pouco perto”. (Crizalda)*

Continuando a descrever a rotina diária com o celular, estes foram apontando que tendem a leva-lo à casa de banho, sendo que os que fizeram menção a esta prática foram catorze entrevistados (14) e os restantes quatro (4) não. Ainda para mostrar terem o celular sempre por perto, a maioria aponta que leva o celular para a casa de banho. No entanto, houveram depoimentos que assinalam que não levam. Vejamos os depoimentos que demonstram estas práticas:

*“ Quando estou a tomar banho, posso levar o meu celular por ai em cima, tomar banho, acabar e depois levar meu celular. (Rafael)*

*“ Então quando eu vou tomar banho, esta ligado, levo, as vezes posso levar até ao banheiro”. (Teresa)*

*“ O celular está sempre no bolso, vou a casa de banho, deixo na prateleira, então tou ai a tomar banho”. (Dinis)*

Os que não levam:

*“ Acordo, vou tomar banho, fica na cabeceira o celular. (Sara)*

*“Quando vou tomar banho, depende pode ser na mesinha ou mesmo na sala de visita”. (Hanifa)*

Por ultimo, para demonstrar que o celular tende a estar sempre perto todos (18) apontaram que está com eles incluindo quando estão a passar as refeições. Ora vejamos alguns depoimentos:

*“ Por exemplo, quando estou a comer, o celular tem que estar na mesa”. (Victor)*

*“ Ao passar as refeições está bem perto de mim (o celular), toca entra uma mensagem paro para comer e atendo”. (Antónia)*

*“ Ao almoçar, ele (celular) fica na mesa, as vezes no bolso”. (Pedro)*

Sobre o facto como o celular tende a ficar durante o dia pelos depoimentos, a maioria aponta que este está sempre ligado e sempre contactáveis (16). Todavia, houveram depoimentos (2) que apontam que o desligam, justificando respectivamente porquê o desligam. Vejamos as evidências desses indicadores:

*“ É importante o celular, está sempre ligado, é 24 por 24”. (Felicidade)*

*“ Não desligo o celular, as vezes desliga-se, pode ser por falta de carga”. (Raul)*

*“ Costumo deixar na cabeceira ao lado e não desligo, porque as vezes a noite é importante o celular. (Zulfate)*

*“ Não desligo o celular de qualquer maneira” (Telma).*

Os que desligam<sup>27</sup>:

*“ Mas de noite desligo (o celular), existem certas amigas ai que gostam de chatear”.(Flávio)*

*“ O meu celular até 21 horas está desligado, não gosto quando estou a dormir meu celular tocar, eu fico tanto tempo parada no serviço”. (Hanifa)*

### **3.1.2. Os entrevistados sente-se mal quando esquecem o celular em casa:**

Questionados sobre como se sentiam quando esquecem o celular em cãs estes apontaram não se sentirem bem, ou seja, no que respeita a reacção dos entrevistados quando esquecem o celular em casa, pelos depoimentos nenhum deles demonstrou que se sentia

---

<sup>27</sup> Estes dois depoimentos reflectem que os entrevistados procuram manter um espaço de privacidade.

normal ou que não faz nenhuma diferença. Todos entrevistados (18) apontaram que não se sentiam bem. Vejamos exemplos de alguns depoimentos elucidativos:

*“ Sinto-me mal, não trago a coisa que costumo levar sempre no bolso”*  
(Crizalda)

*“ Não me sinto bem porque esqueci o celular em casa”* (Nelson)

*“ Sinto-me mal, porque perco chamadas, hei! Não me sinto nada bem”*. (Sara)

Aprofundando a questão, isto é, questionados como se manifesta esse não se sentir bem, os entrevistados apontavam o seguinte:

- Como se não tivesse uma peça de roupa (10);

*“Eu sinto-me semi-nua”*; (Felicidade)

*“Epah, é como se eu tivesse deixado minha roupa interior, o meu biquíni em casa, andar sem cuecas”*; (Victor)

*“Sinto-me muito mal, estilo esqueci de por calças ou esqueci de por camisa”*.  
(Beto)

Ainda aprofundando o não se sentir bem, outros (5) depoimentos tendem a demonstrar que se sentem como se faltasse algo que os completa, um prolongamento de suas vidas e/ou um companheiro:

*“ Sinto falta de alguma coisa do meu lado, é como se tivesse deixado uma parte de mim”*. (Rafael)

*“ Incompleta, estar me a faltar qualquer coisa”* (Antónia)

Outros ainda (3) reforçavam apontando sentirem um vazio neles:

*“ É como se não tivesse nada nesta vida, um vazio”*. (Hanifa)

*“ Um vazio dentro de mim, é algo que me acompanha nem”*. (Dinis)

### 3.1.3. O celular influencia no bom andamento do negócio:

Questionados sobre quais são as necessidades que mais lhes satisfazem o uso do celular, a comunicação é palavra de ordem. Para começar a descrever as necessidades que justifiquem o uso do celular os entrevistados, todos (18), apontaram que querem comunicar-se com a família que está distante. Vejamos alguns extractos que nos elucidam essa prática:

*“ Informações acerca de pessoas da família que moram longe”*. (Henriques)

*“ É isso que eu te expliquei, falo com família que está longe”*. (Pedro)

*“ Eu ligo, para falar com a família que está longe, lá fora”*. (Telma)

Aprofundando sobre as necessidades e que também justifica a questão de comunicação a distância muitos dos entrevistados (16), apontaram que o celular facilita e/ou ajuda no negócio, na aquisição de produtos.

No entanto, dois (2) entrevistados, não fizeram alusão ao facto de contactarem com fornecedores de mercadorias, (isto é, nos seus depoimentos não evidenciaram que contactam com fornecedores como a maioria). Vejamos alguns depoimentos que reflectem que estes contactam com fornecedores:

*“ Me ajuda, as vezes quero falar com alguém para me trazer produtos”*. (Rafael)

*“ Sou negociante, tenho certa senhoras amigas que me trazem produtos da África do Sul e do armazém, e ligo do celular. (Nelson)*

*“ Por exemplo em termos de mercadoria, faço contactos com armazém, ele traz mercadoria”*. (Hanifa)

Reflectindo ainda a influência do celular no negócio dez (10) entrevistados demonstraram que clientes ligam, bem como que os entrevistados também ligam para os clientes. Oito

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

(8) deles não fazem alusão ao facto de usarem o celular para falar com clientes. Vejamos exemplos do contacto a distância cliente-entrevistado e vice-versa:

*“Facilita em termos de encontro para fazer um trabalho”.* (Beto)

*“Ligo para a pessoa, tenho esse produto, não precisas? Tenho tá-tá-tá não precisas?”.* (Zulfate)

*“Tudo faço na base do celular, clientes assim como não”.* (Rosália)

#### **3.1.4. O celular possibilita uma invasão da privacidade associada ao Controlo Social:**

Questionados se têm parceiros, 16 apontaram ter, onde quanto ao estatuto seis (6) são casados, seis (6) vivem maritalmente e quatro (4) são namorados e os restantes dois (2) estão separados.

Questionados os entrevistados se mexem ou mexiam o celular dos parceiros, pelos depoimentos, constatou-se que existe um esforço sistemático de catorze (14) entrevistados mexerem o celular dos parceiros sem autorização. Sendo que quatro (4) não fazem alusão a este facto nos seus depoimentos.

No entanto, pelos depoimentos apresentados existe maior tendência por parte das mulheres em mexerem o celular dos parceiros, apontando como causa a questão de ciúmes como apontaremos adiante. Vejamos algumas evidências disso dos que têm a prática de mexer o celular alheio:

*“ Sim, como namorado nem eu faço”.* (Victor)

*“Em qualquer momento, a qualquer momento mexo o celular dele”.* (Teresa)

*“Acho que eu precisava de uma certeza, então passei a mexer o celular dele”.*  
(Crizalda)



Ainda pelos depoimentos os entrevistados apontam existir também um esforço dos parceiros mexerem seus celulares, acontecendo isso principalmente quando estão distantes do mesmo.

Sobre este facto dos entrevistados quinze (15) é que fizeram alusão a ocorrência desta prática por parte dos parceiros, enquanto que os restantes três (3) apontam que os parceiros não mexem. Vejamos alguns depoimentos que demonstram estas práticas:

*“ As vezes vou a casa de banho, quando voltas, vais encontrar teu marido a mexer teu celular”.* (Felicidade)

*“ Mexe quando eu estou distante também ou a tomar banho”.* (Rafael)

*“ Eu ia comprar pão e deixava celular em casa em cima da mesa, ele ficava a mexer”.* (Antónia)

*“ Eu não gosto, mas mexer meu celular mexe, enquanto eu estou longe pode levar meu celular ver as coisas”.* (Raul)

Os depoimentos onde se faz alusão ao facto de os parceiros não mexerem o celular dos entrevistados:

*“ Não, não deixo”.* (Nelson)

*“ Não mexe, eu não aceito, porque eu também não mexo o celular dele”.* (Hanifa)

Aprofundando porquê mexem o celular dos parceiros, pelos depoimentos quinze (15) apontaram que mexem o celular do parceiro com o intuito de ver mensagens e chamadas recebidas e efectuadas.

Houveram três (3) depoimentos onde não se fez alusão ao o quê o parceiro procura ver no seu celular. Fiquemos com extractos que elucidam que há uma tendência de os parceiros dos entrevistados verem chamadas e mensagens:

*“Ver mensagens ou atender quando estou longe”.* (Telma)

*“ Ya, ela mexe e lê mensagens”.* (Dinis)

*“ Entra uma mensagem por exemplo, não estou perto, as vezes liga alguém, atende”*  
(Sara)

No entanto, os mesmos entrevistados questionados se fazem, também reconhecem que mexem o celular dos parceiros para ver mensagens e chamadas, justificando que o fazem por ciúmes, manifestando uma prática de invasão da privacidade e de controlo social por parte destes. Vejamos os depoimentos que demonstram que os entrevistados mexem e a causa para que tal prática ocorra:

*“ Ya costume mexer, em termos de mensagens que criam ciúmes”*. (Teresa)

*“ Mexia o celular dela, porque fico as vezes com ciúmes nem”*. (Beto)

*“ Sim costume mexer, quando alguém manda uma mensagem inadequada”*. (Pedro)

Questionados como tendem a reagir os entrevistados quando os parceiros efectuam ou recebem uma mensagem ou chamada quando estão juntos, apontaram que existe uma tendência de questionarem com quem estava a estabelecer comunicação. Isto é, Pelos depoimentos, existe uma tendência sistemática de os entrevistados questionarem aos parceiros com quem estão ou estavam a comunicar-se ao celular. Sendo que todos dezoito (18), apontam que o fazem. Vejamos como isto acontece:

*“ Bom, eu deixo ela falar e depois pergunto quem era”* (Victor)

*“Eu pergunto quem é que está a ligar, para saber quem esta a ligar”*.  
(Zulfate)

*“ Eu como namorado, vou ter que agir, no sentido de querer saber quem esta a ligar e tenho feito, Se está a ligar, estas a ligar para quem (...)”*. (Flávio)

No entanto o esforço sistemático de questionar com que o parceiro estava a comunicar-se via celular, pelos depoimentos ocorre também do lado dos parceiros dos entrevistados. Isto é, a grande maioria dos entrevistados (16) aponta que também são questionados com

que estavam a comunicar-se. No entanto, houve quem (2) apontou que o parceiro não questiona. Apontemos respectivamente como estas situações acontecem:

*“ Epah, ele procura saber quem é ”. (Felicidade)*

*“ É do tipo, com quem esta a falar, ela reage assim ”. (Beto)*

*“ Ele procura saber quem é, quem é a pessoa que está a falar consigo, quem enviou mensagem ”. (Telma)*

Como apontamos houveram dois entrevistados que alegaram que os respectivos parceiros não têm questionado depois deles estabelecerem contacto com outrem via celular, no entanto é de salientar que quem fez alusão a isto são mulheres ou que significa, ainda que poucos, dos parceiros dos entrevistados os homens não tendem a questionar. Vejamos os depoimentos que demonstram essa prática:

*“ Ele não tem feito nada disso ”. (Rosália)*

*“ Não, isso na base da confiança entre ambos, se não houver confiança é que essas coisas acontecem ”. (Hanifa)*

Para querer manifestar um certo controlo social, a maioria dos entrevistados (14), aponta que tem a tendência de questionar aos parceiros onde é que estão e o que estão a fazer. Contudo, uma pequena parte destes aponta que não (4) o tem o feito. Vejamos então como os dois factos ocorrem:

*“ Costumo assim, estou longe, onde é que estas, não estas em casa onde é que estas, e digo já são horas de voltar ”. (Nelson)*

*“ Sim, eu chego cedo a casa, quero saber onde é que ele está, esta a fazer o quê ”. (Sara)*

*“ (...) , as vezes chego cedo em casa e ele demora, eu sempre fico preocupada, querer saber onde é que ele está, a querer saber até esta hora ainda não chegaste em casa estás a fazer o quê” (Crizalda)*

Os que não fazem esse tipo de questionamento:

*“ Para um homem isso é um insulto, pode vir perguntar estas a controlar-me. Eu não faço” . (Teresa)*

*“ Se isso acontece eu não me lembro, não tenho esse costume” . (Beto)*

Aprofundando a questão uma parte considerável dos entrevistados (12), também aponta que os respectivos parceiros tendem questionar-lhes onde é que estão e o que estão a fazer. Todavia, uma parte dos entrevistados (6), também apontou que não acontece nada disso. Vejamos como os dois dados acontecem respectivamente:

*“ Quando ele faz, eu lhe digo estou no sítio ‘X’ . (Antónia)*

*“ Liga a perguntar onde é que estas, porque vê que esta hora já sai do serviço” . (Flávio)*

*“ Então ele as vezes pergunta do tipo onde é que estas, para saber se na verdade já estou naquele sitio” . (Felicidade)*

Os que apontam os parceiros deles não fazem:

*“ Não, não faz isso, basta eu dizer que estou no serviço, acabou” . (Henriques)*

*“ Ela não faz, me tenta depositar muita confiança em mim” . (Pedro)*

Houve tendência, espontaneamente e sem serem questionados, de os entrevistados apontarem que procuram estabelecer regras quando se apercebem que os seus celulares são mexidos pelos parceiros, mesmo tendo apontado atrás que os parceiros mexem e que eles também mexem o celular.

Pelos depoimentos, estas regras tendem a ser explicitamente estabelecidas e fruto de uma negociação (8), bem como implicitamente (4) estes procuram não fazê-lo. Sendo que uma pequena parte (4) não faz alusão nos seus depoimentos de existir esta tendência de estabelecer regras. Vejamos extractos onde essas regras se apresentam como explícitas:

*“ Eu não mexo teu celular ta ver, você também não mexe meu celular, então discutimos até nos separar”*. (Sara)

*“ Depois conversamos e chegamos a um consenso de que cada qual com o celular dele e ficamos assim”*. (Beto)

*“ Ah, eu lhe dizia mor eu não gosto dessas coisas, vamos conversar ou se tens algo diga mas não mexe meu celular sem minha autorização”*. (Nelson)

E os que tomam as regras como implícitas:

*“ Eu não mexo, porque eu tenho aquela coisa, o celular é dela, ela tem as amizades dela, é o particular dela”*. (Henriques)

*“ Eu não sei, no meu caso, nós evitamos mexer o celular um do outro, eu nunca me interessei mesmo ele estando na casa de banho”*. (Hanifa)

### **3.1.5. O celular permite que surjam manifestações de desconfiança e a possibilidade de provocar aborrecimentos entre os casais**

Quando os entrevistados estão com os parceiros e estes tendem a levantar-se para falar ao celular ou ler uma mensagem distante dos entrevistados, pelos depoimentos, existe a tendência de os entrevistados, todos eles, apresentarem uma mudança na sua forma de estar quando o parceiro tem uma prática dessas. Vejamos como estes apontam que ficam:

- Desconfia (13); Fica preocupado (3), Sente-se mal (2).

*“ Do tipo o que é que aconteceu, todos os dias atendes aqui, hoje vais atender lá porquê, posso ficar desconfiada”*. (Teresa)

*“ Eu me sinto mal, começo a pensar bobagem nem, começo a desconfiar talvez tem um outro alguém ”. (Dinis)*

*“ Ele sair ir atender longe, eu já começo a desconfiar, a minha desconfiança é de que talvez ele está tentar me trair ”. (Antónia)*

*“ Epah, sinto-me mal, porquê levanta e vai atender longe ”. (Rafael)*

*“ Já penso da outra maneira ta ver, talvez tem outro. É isso, fico chateado, desconfio ”. (Raul)*

Aprofundando a questão, os entrevistados foram apontando como tendem a manifestar-se quando estas práticas acontecem, isto é, como o seu estado de espírito tende a se encontrar para fazer face a situação aqui descrita. Assim, face as situações dos extractos atrás apontados, os entrevistados apontam que ficam aborrecidos com as práticas dos parceiros e descrevem como tendem a reagir:

- Chateado (13) e Zangado (5).

*“ Sem inconveniências da televisão, da rádio fico chateada ”. (Felicidade)*

*“ Ai fico chateada, até eu desconfio, porquê ele vai atender longe ”. (Rosália)*

*“ Fico chateado, posso berrar com ela ou as vezes fico calado, amostrar cara feia ”. (Pedro)*

Pelos depoimentos dos entrevistados, percebe-se que os seus parceiros tendem também a ficar desconfiados (15) e preocupados (3) quando os entrevistados tendem a ter práticas de se afastar para se comunicar via celular. Como descrevem estes extractos:

*“ Há desconfiança, porquê é que não atendeste aqui, pra já tenho que mentir qualquer coisa, desconfia ”. (Flávio)*

*“ Ele não gosta, porque ele fica do tipo parece que eu tou a esconder algo ”. (Adelaide)*

*“ Ele começa a se sentir mal e desconfia de mim ”. (Teresa)*

Como os entrevistados, os seus parceiros tendem também a ficar aborrecidos quando os entrevistados tem este tipo de práticas, isto é, quando se levantam e se distanciam da presença dos parceiros estabelecer um contacto via celular, como apontam os extractos:

- Chateado (12) e Zangado (6).

*“ Da maneira que eu já vive, a reacção é de me puxar e dizer senta-la, quem essa pessoa que te faz levantar e falar fora ”. (Crizalda)*

*“ Ele fica assim, do tipo não gosta, zanga nem ”. (Zulfate)*

*“ Ele fica aborrecido ”. (Telma)*

A questão de desconfiança de ambas partes, tende a manter-se quando a comunicação não é imediata, isto é, quando o entrevistado liga ou envia mensagem ao parceiro e este não dá um retorno imediato, o entrevistado manifesta-se desconfiado (15) e preocupado (3), como ilustram os extractos que a seguir apresentamos:

*“ Se demora atender, só que nós mulheres temos defeitos, eu começo a imaginar muitas coisas, fico mal começo pensar outras coisas ”. (Rosália)*

*“ No sentido se eu ligo uma, duas, três vezes põe-me preocupado, ela é mulher como qualquer outra tas a perceber, fico a desconfiar, está me trair, está com alguém ”. (Victor)*

*“ Talvez desligou porque não quis falar comigo ou porque está com alguém ”. (Antónia)*

Aprofundando a questão relativa a falta de um contacto e retorno imediato quando os entrevistados procuram contactar-se com os respectivos parceiros, estes apontaram no entanto, que o clima acima descrito tende a causar mau estar, como demonstram os extractos que se seguem: Chateado (12) e Zangado (6).

*“ Eu não procuro satisfação, eu zango porque não gosto de ela estar com celular desligado porque a qualquer momento eu vou querer falar ”. (Rafael)*

*“ Fico chateada, fico por ele não ter atendido ou não responder minha mensagem na hora ”. (Felicidade)*

*“ Hey, zango, falo com ele não sei quê... ”. (Adelaide)*

Quando a situação é do lado contrário ao do entrevistado, isto é, do respectivo parceiro, a manifestação de desconfiança e preocupação também se faz sentir quando o retorno não é imediato.

No entanto, pelos depoimentos podemos constatar que uma pequena parte (2), aponta que os parceiros não têm nenhuma das manifestações que apontamos atrás, isto é, não deram depoimentos elucidativos das manifestações de desconfiança apontados por (13) e preocupação por (3). Vejamos como estes factos podem ser percebidos:

*“ Ela tem a mania de quando eu demorar atender celular nem, no momento que eu ligo para ela estavas com outra nem, desconfia de mim ”. (Nelson)*

*“ Epah preocupação, uma pessoa estar preocupada em querer saber porquê você esta com telefone desligado ”. (Sara)*

*“ Epah, a primeira coisa que pensa é que talvez desliguei celular, porque não quero incomodo porque estou com alguém ”. (Dinis)*

No entanto, ainda sobre a mesma questão, pelos depoimentos os entrevistados apontaram que quanto a reacção, os parceiros também tendem a ficar aborrecidos quando desconfiados, após uma tentativa frustrada de contacto imediata com eles, como espelham os extractos que se seguem: Chateado (13) e Zangado (5).

*“ Ele fica zangado no sentido de você não atendeu celular porquê, procura saber porquê não atendi no momento ”. (Zulfate)*

*“ Ele também zanga, fica zangado sempre, é assim ele fica chateado ”. (Sara)*

*“ Zanga mesmo, pode até não falar comigo porque eu desliguei celular. (Beto)*

*“ O homem, quando tu voltas, se não é duas chapadas, é o resultado de falar, estas ma trair, já não tens respeito na minha casa ”. (Crizalda)*



### **3.2. Discussão dos Resultados**

Antes de discutirmos os resultados, é de salientar que alguns dos contributos que a revisão da literatura nos facultam, podem ser transpostos do nível macro, em que se situam essas análises, para um nível micro e individual no qual se localiza a nossa pesquisa.

Principalmente nas questões em que apontam que as tecnologias modificam as formas de vivermos em sociedade Castells (2000), sobre a influência da tecnologia no controlo e vigilância Lyon (1998), que as tecnologias tornam-se mediadores dos relacionamentos sociais McLuhan (1999), e que elas massificam e uniformizam os comportamentos dos indivíduos, o consumismo e a dependência que cria nos indivíduos Moles (1974).

No entanto, para as nossas pretensões, fará sentido descrever e compreender o uso do celular no nosso quotidiano, fazendo análises da realidade dos nossos dias, focalizando aspectos micro-sociais que artefacto impõe no mundo vida dos entrevistados.

Assim, a reflexão levantada por Macamo (2008) revela-se de capital importância para adoptarmos o celular como meio para compreender o modo de ser e estar dos indivíduos face ao artefacto.

Os resultados de mudança micro-social que apresentamos se adequadamente interpretados, podem ser úteis como meios de enxergarmos algumas das mudanças sociais que o uso do celular impõem aos indivíduos. Exploremos e discutamos esses resultados e tentemos compreender o que nos revelam.

Para começar importa apontar que os resultados nos permitem discorrer sobre as minúcias do uso quotidiano que os entrevistados fazem dos seus celulares, bem como da importância e do lugar ocupado em suas vidas.

O facto de todos o terem sempre por perto, ao ponto de estar em baixo das almofadas ao dormir, de o levar a casa de banho e para passar as refeições, evidencia que o celular se tornou um elemento indispensável do seu quotidiano.

No entanto, a pretensão de o ter sempre ligado, demonstra que com o artefacto se tem a ideia de que estão sempre presentes e contactáveis<sup>28</sup>, criando uma necessidade de estarem sempre disponíveis, daí o facto de a maioria não desligar o celular.

Estes factos, são elucidativos da criação de um hábito que tende a ser frequente e enraizar-se na vida dos entrevistados. Para Berger e Luckmann (1996:77):

Toda actividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer acção frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzida com economia de esforço e que, ipso facto é aprendido pelo executante como tal padrão. O hábito implica além disso que acção em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço económico. Isso é verdade na actividade não social assim como na actividade social.

O que se depreende é que está surgindo uma dependência face ao celular. Ele está intrinsecamente interiorizado no quotidiano dos indivíduos e em suas práticas, não só como acessório e facilitador da comunicação, mas também como parte deles (dos entrevistados), sendo que no entanto, criam práticas no quotidiano face ao celular como forma de adaptação ao mundo social.

---

<sup>28</sup> Por vezes quando isto não acontece, obriga-os a ter que responder porquê não estabelecerem retorno imediato, como veremos adiante.

Este facto é visível quando, todos apontaram que não se sentem bem quando estão sem ele, algo como apontaram ter sempre por perto. Sentindo-se como se estivesse a faltar algo em eles, uma peça de roupa, uma parte de suas vidas. Como aponta o seguinte depoimento como se estivessem sem algo que os identifica: “*O celular para mim é como BI, é minha identificação como se não fosse eu sem meu celular*”. (Victor).

Compreende-se aqui, que para os entrevistados a ideia de dependência que se tem do celular, para o ter sempre por perto e a criação de novos estilos de vida, se justifica pela facilidade de comunicação. Assim, a comunicação é a palavra de ordem. Para os entrevistados, essa facilidade é relevante quando apontam poderem contactar familiares distantes.

Por tanto, com o celular os entrevistados tem um deslocamento que incorpora um contacto virtual com pessoas distantes, isto é, dispõem de uma mobilidade que tem este artefacto como causa estruturadora, alterando os padrões de sociabilidade, em que os relacionamentos face-a-face eram marcantes.

Além da possibilidade de contacto à distância com os familiares, os entrevistados justificam o uso do celular, pela possibilidade também de estabelecer contactos com clientes e fornecedores.

Em relação aos fornecedores, ganham um poder de autonomia e controlo do negócio, na medida que não precisam de abandonar o local de venda, por vezes, para aumentar ou estabelecer o stock de produtos. Quanto ao cliente, entra em contacto com o entrevistado para saber se este tem um produto determinado ou não.

Portanto, para os entrevistados ser negociante justifica ter celular, isto é, o celular é um elemento catalizador da actividade. Como se ser negociante implica o uso do mesmo,

como demonstra o seguinte depoimento:

*“ Conforme eu disse, as vezes quero qualquer coisa aqui na banca, se não tenho celular não posso fazer nada ”* (Teresa).

O celular ocupa um lugar importante na vida dos entrevistados por isso estes tendem a tê-lo sempre por perto. Este se configura como um espaço privado para os entrevistados. Isso porque têm chamadas recebidas e efectuadas, bem como mensagens trocadas.

Contudo, quando se relacionam com os respectivos parceiros ocorrem práticas tendentes a invadir – se o celular, associadas à um controlo social entre os casais. Isto é, como se o seu celular fosse tomado de assalto pelos parceiros. Ocorrendo manifestações de fiscalização e de controlo social informal<sup>29</sup>.

As práticas de “invasão da privacidade” associadas com práticas de fiscalização e controlo social ocorrem quando por iniciativa própria, existe um esforço sistemático por parte de cada um dos parceiros, para mexer o celular do outro sem autorização.

A situação mais frequente para que essas práticas ocorram, é quando o dono do celular não está próximo do mesmo (algo que aponta ter sempre ou quase sempre por perto).

No entanto, na tentativa de preservar suas privacidades, existe entre os casais a tendência de criarem regras de convivência, com o intuito de evitar que se mexa o celular um do outro. Assim, o celular, possibilita a emergência de novas regras de convivência entre os indivíduos (casais) que partilham do mesmo espaço.

---

<sup>29</sup> Segundo Lakatos e Marconi (1999:105): “o controlo social informal são atitudes espontâneas que baseiam-se nas relações pessoais e íntimas que ligam componentes de um grupo”.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

Essas regras informais, segundo Howard S. Becker “definem situações sociais e os tipos de comportamentos apropriados a elas, especificando algumas acções como certas e proibindo outras como erradas”, (1978:45).

Elas surgem em forma de acordos informais, isto é, fruto de uma negociação e criando novas formas de conduta, como demonstra o seguinte depoimento:

*“Depois conversamos e chegamos a um consenso de que cada qual com o celular dele e ficamos assim...”* (Felicidade).

Ainda para evitar a “invasão de privacidade”, existe a capacidade de implicitamente construírem na mente regras, para não mexerem o celular de outrem.

Neste sentido, se compreende que na realidade da vida quotidiana, os indivíduos avaliam os custos e as vantagens do cumprimento de uma regra ou norma, ou seja, os indivíduos interpretam realidade e constroem “teorias” para organizar suas percepções e experiências do quotidiano em que se envolvem. Conforme nos elucida a seguinte passagem:

*“ Eu não mexo porque tenho aquela coisa, o celular é dele, ele tem as amizades dele, é o particular dele”* (Hanifa).

Há aqui a ideia da criação de métodos para viver em sociedade, bem como procedimentos e considerações utilizados para dar sentido as circunstâncias em que os entrevistados se encontram.

Pelas entrevistas, a tendência de “invasão de privacidade” associada ao controlo social, ocorre igualmente quando os parceiros estão juntos e um deles levanta para atender uma chamada ou efectuar, bem como para ler um mensagem ou enviar. Isto é, a privacidade

pode ser invadida indirectamente, sem ser necessário mexer o celular do outro, bastando que se questione com quem o parceiro estava a comunicar, ou seja, querer saber da conversa que o parceiro acaba de ter.

A “invasão da privacidade” associada ao controlo social ocorre também, quando os parceiros estão distantes um do outro, isto é, o celular que possibilita a comunicação a distância, também permite que a privacidade seja invadida.

Segundo Lyon “uma das características da sociedade de informação é o papel da tecnologia de informação e comunicação no controlo e na vigilância”, (1998:69).

Apesar da aceção deste autor ser a nível macro, o celular nos dias de hoje tem permitido com que isto se vislumbre a nível micro das relações entre os casais. Assim, a invasão da privacidade e o controlo social, ocorre a distância entre os casais quando entre eles, se questionam onde cada um está e o que está a fazer, criando-se assim métodos e práticas para tal.

A passagem que se segue elucida como se manifesta a questão de invasão e de controlo:

*“ Então ele as vezes pergunta do tipo onde é que estas, para saber se na verdade já estou naquele sitio ”* (Crizalda).

Na óptica de Macamo (2008), o celular, faz evaporar a privacidade no sentido em que ela só fica inteligível como um espaço colectivo, que nos obriga a justificar a necessidade que temos de um espaço individual.

O celular como produto da modernidade, ou como “presente” da modernidade, apresenta uma das características da modernidade em Moçambique como aponta o sociólogo moçambicano João Carlos Colaço “ A modernidade em Moçambique, parece mais

caracterizada pela cultura do consumo (...), pela apropriação do espaço público pelo privado, (...) pelas incertezas, (...) pelos novos mecanismos de controlo social (...)”, (1998:57).

No entanto, os resultados apontam que no quotidiano dos casais com o uso do celular surgem manifestações de desconfiança. Esta tende a ocorrer quando juntos um deles se levanta para efectuar qualquer comunicação via celular, sendo que se instaura um clima de incerteza e insegurança, susceptíveis de causar aborrecimentos.

O clima de convivência pode alterar por momentos, e passar por um clima de intrigas. Como aponta a seguinte passagem:

*“ Da maneira que eu já vivi, a reacção é de me puxar e dizer, senta-la, quem é essa pessoa que faz levantar e falar fora” (Antónia).*

Os resultados apontam ainda que a desconfiança, ocorre também quando os parceiros estão distantes um do outro, quando não é possível existir uma comunicação imediata, quando se ligam ou enviam mensagem e o retorno não é imediato, bem como se, sem saber as razões, o celular do outro está desligado, criando interrogações para saber porquê estas práticas ocorrem, causando incertezas e tornando as relações menos previsíveis.

Neste sentido, como aponta Macamo (2008) “ (...) e ai a nossa não disponibilidade vira fonte de suspeita, dependendo do tipo de relação que temos com a pessoa que nos queria contactar, (...) se for a mulher ou marido a pergunta é com quem está?”. Assim, não existir retorno imediato e ter o celular desligado, faz com que se deva justificar.

Pelos resultados, faz com que surjam aborrecimentos entre os casais, porque o celular é percebido como algo que os torna sempre presentes e contactáveis para quem os deseja contactar. Como aponta Macamo (2008) “o celular obriga-nos a justificar porquê não queremos que os outros soubessem que estamos disponíveis”.

Sem procurar-se saber as razões para não haver um contacto imediato e/ou retorno, os resultados apontam a ocorrência de actos que manifestem aborrecimentos, como nos elucida o seguinte depoimento: “ (...), *havia guerra, porque eu perguntava o que tava ela a fazer até me deixar ali em ultimo plano, segundo plano. Fico chateado e cobro razões (risos)*”. (Pedro).

Isto demonstra outro importante efeito que o uso do celular tem na organização subjectiva dos casais, relacionado com a sensação de insegurança e /ou incerteza dos seus relacionamentos amorosos e afectivos, isto é, podendo surgir percepções de desconfiança mútuos pela impossibilidade de ocorrer um “feedback” rápido as solicitações.



## CONCLUSÃO

No trabalho, pretendíamos analisar as percepções e práticas sociais de um grupo de vendedores do mercado Janeth, sobre as transformações e influências que o uso do celular impõem no quotidiano dos mesmos individualmente e nas relações com os respectivos parceiros.

A preocupação que nos fez elaborar este trabalho, esteve relacionada com a necessidade de compreender como o uso do celular transforma e estrutura o quotidiano dos indivíduos, para depois descrever o comportamento dos mesmos. Para tal foi necessário captar dos actores sociais as suas elaborações sociais, ou seja, as suas construções quanto ao uso do artefacto.

Partimos da suposição que a realidade é um fenómeno social construído pelos entrevistados em suas vidas, a nossa tarefa foi traduzir o apreendido, descrever e interpretar como estes atribuem sentido as suas percepções e práticas.

Seguindo este processo, a ideia central deste trabalho foi verificar por meio de análise de conteúdo dos depoimentos e das práticas desenvolvidas, como os entrevistados representam a realidade que o celular oferece. Neste sentido, foi nos possível verificar que cada qual tem interpretações próprias sobre o fenómeno e nem sempre convergentes, mas que ajudam a descrever seu quotidiano e a perceber como celular o estrutura.

Longe de tentar levantar uma análise exaustiva, sobre as transformações sociais que o uso do celular possibilita, o trabalho procurou apresentar alguns elementos para a compreensão sociológica das transformações subjectivas dos entrevistados, isto é, as modificações de ordem interna na vida dos mesmos, bem como de suas privacidades quando envolvidos com os parceiros.

Foi-nos possível concluir que o celular altera os hábitos, valores, prioridades e as próprias visões do mundo dos entrevistados, na medida em que este passou a ser um elemento com o qual os entrevistados não podem estar longe, bem como para perpetuar o seu dia-a-dia.

Concluímos igualmente que, em consequência do uso do celular novas regras de convivência social entre os casais emergiram e por eles foram criadas, como forma de organização do mundo vida.

Constatamos que os indivíduos são dependentes do celular ao ponto de nos apontarem que não conseguem ficar longe do mesmo, isto é, visto que o levam para todo sitio onde vão. Este passou a ocupar um lugar importante em suas vidas, que vai além de um simples acessório, mas também como um companheiro.

Concluímos que com o celular tem-se a ideia de que estão sempre contactáveis e disponíveis, daí justificar-se o facto de se o ter sempre ligado. Este facto permite também deslocamentos virtuais, que permitem estabelecer contactos a distância com familiares, fornecedores e clientes. O que se destaca que para os mesmos, é o facto de serem negociantes justificar o uso do celular, como se ser negociante e não o ter não faz sentido.

Constatamos que com o celular é possível a emergência e manifestação de práticas informais de controlo social e de fiscalização entre os casais. Assim, este artefacto que ao mesmo tempo permite contactos a distância é algo que também pode por em causa a existência de espaços privados e de intimidade.

Concluímos que com o celular a vida entre os casais se torna imprevisível, na medida em que surgem nas relações manifestações mútuas de incerteza, insegurança e desconfiança. Factos que ocorrem quando não é possível entre eles estabelecer contactos imediatos e com retornos imediatos, bem como quanto juntos, estes se afastam um do outro para

estabelecer comunicação com outrem. Associado a isto, surgem alterações no clima de convivência, manifestadas por aborrecimentos.

Neste sentido, a hipótese levantada e os objectivos estabelecidos para realizar o trabalho podem ser validados, pela confrontação dos resultados que os dados empíricos nos ofereceram e os quadros interpretativos escolhidos. Contudo, não pretendemos que estas conclusões sejam tomadas como absolutas, mas esforçámo-nos com o trabalho oferecer uma contribuição franca para compreender como o celular transforma o quotidiano dos indivíduos, estruturando-o.

A Sociologia como disciplina científica é uma tentativa de compreensão dos fenómenos e não de levantar soluções, apesar dessa compreensão poder servir para solucionar um problema específico.

Assim, podemos afirmar que as transformações sobre a sociabilidade que o celular possibilita existem, cabendo a Sociologia acompanhá-las de perto, o que torna particularmente relevante e forçosamente incompleta a reflexão aqui levada a cabo, pois novos desenvolvimentos poderão levar à novas transformações em relação a discussão aqui levantada.

Todavia, fora as “suposições” levantadas por Elísio Macamo, existem outras linhas de pesquisa que o uso do celular podem proporcionar aos indivíduos, como por exemplo, ainda entre casais, ver como se manifesta o comportamento ciumento entre os parceiros, isto é, se o uso do celular influencia ou não para que este comportamento ocorra.

É possível reflectir sobre os impactos do celular nas “boas maneiras” de convivência em sociedade, no que respeita ao uso do celular em reuniões, salas de aulas, igrejas, cemitérios, etc. Ainda na maneira como os funcionários de repartições públicas e privadas, instituições formais e informais priorizam o celular ao invés do atendimento ao

utente, seja por funcionários bancários/caixas dos bancos, médicos, recepcionistas, cobradores/motoristas de “chapa 100”etc. que atendem chamadas/effectuam e trocam mensagens com outrem e só depois atendem ao utente, ou ao mesmo tempo que atendem o utente estabelecem contactos via celular.

É possível ainda aliado a “mentira”, se por um lado faz com que os indivíduos sejam facilmente localizados, por outro possibilita que os indivíduos não digam a verdade sobre sua localização. Digo, sobre os indivíduos que por exemplo recebem uma chamada e mentem sobre a sua real localização, por exemplo dizem que estão no “chapa” enquanto ainda não saíram de casa, que estão no Alto-Maé enquanto estão na baixa da cidade, etc.

Portanto, há muito ainda por descrever sobre o uso do celular e outras tecnologias de informação e comunicação em Moçambique. Ou seja, há muito por reflectir em termos sociológicos sobre os impactos do desenvolvimento tecnológico.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

### **Referências Bibliográficas:**

AMARAL, Wanda de. *Guia para Apresentação de Teses, Dissertações, Trabalhos de Graduação*. Maputo: Livraria Universitária, 1999.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70,1995.

BARROS, Adil de Jesus & LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos Metodologia*. São Paulo: Makron Books, 2000.

BECKER, Howard S. *Uma Teoria da Acção Colectiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado da sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70,1991.

BOUDON, Raymond. *Efeitos Perversos e Ordem Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CLEMENT, Paulo et al. *Dicionário Prático de Filosofia*. Lisboa: Terramar Editora, 1997.

COLAÇO, João Carlos. *Mentalidade “Chapa 100” na cidade de Maputo*. In: SERRA, Carlos (ed). *Revista Estudos Moçambicanos*. Número especial. Maputo: CEA – UEM, 1998. P.10-67.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

COHEN, Jean L. *Regularizando a Intimidade: Um novo paradigma*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. São Paulo: Editora Vozes, 1997.

DEMARTIS, Lúcia. *Compêndio de Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

DONEDA, Danilo. *Da privacidade à protecção de dados pessoais*. Rio de Janeiro: Renovar, 2006.

FERRAROTTI, Franco. *Sociologia*. Lisboa: Editorial Teorema, 1985.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Utresp, 1991.

GLEICKO, James. A transformação do Telefone. *Dialogo: A Agenda Económica*, 1994, vol. 15, nº. 3, p.19-34.

LYON, David. *A Pós – Modernidade*. São Paulo: Paulus. 1998.

MACAMO, Elísio. *A Leitura Sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *Presentes Envenenados (1-10)*. Disponível em: <<http://www.ideiascriticas.blogspot.com/>>. Acesso em 2008.4.16, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Etnografia do Celular (1-10)*. Disponível em: <<http://www.ideiascriticas.blogspot.com/>>. Acesso em 2008.4.16, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.

Transformações e Influências do celular nas Relações Sociais: Um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

---

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 2006.

MCLUHAN, Marshal. *Aldeia Global: Transformações no Mundo e a Media no Século XXI*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOLES, Abraham. *A Sociodinâmica da Cultura*. São Paulo: Perspectivas, 1974.

ORLANDI, Elias P. *O Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas: Editora Ponte, 1993.

DA LUZ OLIVEIRA, Maria et.all. *Sociologia*. Lisboa: Texto Editora 1989.

PAIS MACHADO, José. *Sociologia da Vida Quotidiana: teorias Métodos e Estudos de Caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

SAMPAIO, José Adércio Leite. *Direito à intimidade e à vida privada*. Belo Horizonte: Del Rey, 1998.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1**

#### **GUIÃO DE ENTREVISTAS:**

##### **Sobre a Relação dos Indivíduos e o celular**

1. Como é o seu dia – dia, quando dorme, acorda, toma banho, quando passa refeições onde tende a deixar o celular (fica ligado, desligado, em silêncio, etc.).
2. Quais são as necessidades que mais lhe satisfaz o uso do celular?
3. O celular satisfaz seus desejos e objectivos? (Como? Porquê?).
4. Conseguiria viver sem o celular?
5. Como se sente ou sentiria, quando esquece o celular em casa? (Qual é a reacção nessa situação?).
6. Tem marido/mulher ou namorado(a)? Mexe o celular dele(a)? Ele(a) mexe o seu? Em que situações? Como reage?
7. Atende ou lê SMS sem autorização dele(a)? Ele(a) faz o mesmo? Como reage?
8. Quando liga ou envia-lhe SMS e demora atender ou responder. Como reage? (Em situação idêntica com ele(a) tende a reagir ou como poderá reagir?).
9. Se tentou ligar ou enviar-lhe SMS e o celular dele(a) estar desligado. Qual é a sua reacção? (Como ele(a) reage em situação idêntica?).
10. Costuma a ligar ou enviar – lhe SMS a perguntar onde está? O que está a fazer? Porquê?
11. Costuma atender ou ler SMS em presença dele(a)? Como ele(a) reage? (E em situação contrária?).
12. Quando ele(a) recebe uma chamada ou SMS enquanto estão juntos e vai atender ou ler distante. Como reage? Porquê? (Em situação contrária qual é a reacção dele(a)?).



**Anexo 2**

**LISTA DOS ENTREVISTADOS;**

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Data</b>
Pedro	Masculino	27.08.08
Rosália	Feminino	27.08.08
Antónia	Feminino	27.08.08
Henriques	Masculino	27.08.08
Flávio	Masculino	28.08.08
Nelson	Masculino	28.08.08
Felicidade	Feminino	28.08.08
Teresa	Feminino	29.08.08
Hanifa	Feminino	29.08.08
Victor	Masculino	29.08.08
Crizalda	Feminino	29.08.08
Dinis	Masculino	01.09.08
Adelaide	Feminino	01.09.08
Telma	Feminino	01.09.08
Raul	Masculino	02.09.08
Zulfate	Feminino	02.09.08
Beto	Masculino	02.09.08
Dinis	Masculino	02.09.08